

VOL. VI - Nº 07 - 2021

ISSN 2676-0398



kapiiuara

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

Liberato Caboclo:
Ascensão e queda
de Dona Abigail

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTES

Rodrigo Silva
Um homem
verdadeiramente *naif*

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

**Os flashes
existenciais de
Eliana Magrini Fochi**

HOMENAGENS



Sergio Vicente Motta:
Dom Quixote,
um cavaleiro
em busca do céu



Portinari: leitura
de um quadro

ARQUITETURA



As três ordens gregas



Expediente

Copyright © by Editora In House, 2021

Elaboração da ficha catalográfica Editoração e acabamento
Gildenir Carolino Santos Editora In House
(Bibliotecário)

Revisão Imagens e fotos
Nídia Puig Vacare www.freepik.com
Rosalie Gallo y Sanches Acervos históricos

Catálogo Internacional na Publicação (CIP)
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Kapiiuara [recurso eletrônico]. – v.1, n.1 (2016-). – São José do Rio Preto: ARLEC - Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, 2016-1 recurso online: il.

Periodicidade semestral.
Revista Literaria e Cultural da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.
e-ISSN 2676-0398.
Disponível apenas online.

1. Contos brasileiros – Periódicos. 2. Prosa brasileira – Periódicos.
3. Cultura – Periódicos. 4. Literatura brasileira – Periódicos.
I. Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

P21-002

CDD – B869.05



Publicação semestral
on-line da **ARLEC -
Academia Rio-pretense
de Letras e Cultura.**

End.: Praça Jornalista Leonardo
Gomes, 01 - Centro
Centro Cultural Professor
Daud Jorge Simão
São José do Rio Preto - SP
CEP: 15061-010

E-mail: arlecriopreto@gmail.com

Site: www.arlec.com.br

Siga-nos nas redes sociais

Jornalista responsável /Revisão gramatical:

Cecília Demian - MTB 39.119

Projeto gráfico: **Márcio Martelli**

Edição: **Editora In House**

11 99903-7599



Presidente:

Alberto Gabriel Bianchi

1º Vice-presidente:

Rosalie Gallo y Sanches

2º Vice-presidente:

José Luiz Balthazar Jacob

1º Secretária:

Loreni Fernandes Gutierrez

2º Secretária:

Maria Helena Curti

1º Tesoureiro:

Antonio Florido

Diretor Cultural:

Araguaí García

Diretor de Patrimônio:

Lelé Arantes

Conselho Fiscal:

Norma Vilar

Jocelino Soares

Vera Márcia P. Milanese

Conselho Editorial:

Nídia Puig Vacari

Pérsio Marconi

Rosalie Gallo y Sanches

Sumário

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

Liberato Caboclo

ASCENSÃO E QUEDA DE DONA ABIGAIL..... 5

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

Sobre Eliana Magrini Fochi 8

NATUREZA MORTA 2 / 3 / 4..... 9

RELICÁRIO..... 10

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTE

Rodrigo Silva

UM HOMEM VERDADEIRAMENTE NAIF 11

AS TRÊS ORDENS GREGAS 14

Alberto Gabriel Bianchi

CLARICE LISPECTOR E CARSON McCULLERS: BREVE

LEITURA COMPARATIVA 18

Vera Paraboli Milanese

A PLURALIDADE LINGUÍSTICA É UM PATRIMÔNIO QUE O

PLANETA TERRA DEVE SALVAGUARDAR 22

Pasquale Amato

A LIÇÃO 24

Isabel Pimenta Hernandes

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O DIREITO..... 26

Eudes Quintino de Oliveira Júnior

A HUMILDADE DOS GRANDES 30

Pérsio Marconi

NO PEITO..... 32

Elma Eneida Bassan Mendes

CREPÚSCULO..... 33

Maria Helena Curti

A PESTE E A ESPERANÇA NA LITERATURA ITALIANA.. 34

Rosalie Gallo y Sanches

TERRENO SANTO DE BATALHAS SEM GLÓRIAS..... 40

Elma Eneida Bassan Mendes

É TETRA, É TETRA! 41

Pérsio Marconi

NÓS, DA GERAÇÃO BABY BOOMER..... 42

Loreni Fernandes Gutierrez

REFLEXÕES NIETZSCHENIANAS..... 44

Wilson Daher

GRANDES SUCESSOS DA LITERATURA INTERNACIONAL. 46

Cleber Junio Falquete

DIÁLOGOS IMPOSSÍVEIS? 48

Patrícia Reis Buzzini

ACHO QUE FOI ASSIM..... 51

Samir Felício Barcha

O BRASIL DOS BRASILEIROS 53

Antonio Florido

HOMENAGENS:

PORTINARI: LEITURA DE UM QUADRO..... 53

Sergio Vicente Motta (*in memoriam*)

DOM QUIXOTE,

UM CAVALHEIRO EM BUSCA DO CÉU 58

Rosalie Gallo y Sanches



E ditorial

*Aquele que lê muito e anda muito,
vê muito e sabe muito.*

Miguel de Cervantes

É da natureza do homem inquietar-se diante das mazelas da humanidade. Desde o período Paleolítico, o homem produzia pinturas ruprestes nas paredes das cavernas que habitavam retratando o seu cotidiano; talvez fizessem isso para atrair as bênçãos dos deuses às suas caçadas e sobrevivência, ou senão, penso, para registrarem seus feitos para um futuro que jamais imaginariam existir.

Confome o tempo passava, o homem continuava a registrar sua trajetória através das artes plásticas, da música e da escrita – legado que as civilizações antigas deixariam para o futuro. Sabemos um pouco da nossa história porque alguém a registrou, passando, então, esse conhecimento de geração a geração.

A Revista **Kapiiuara**, produzida pela ARLEC, com o princípio de transmitir ao mundo, as obras e os feitos de uma geração de artistas da região de São José do Rio Preto, apresenta uma nova edição com textos em prosa ou poesia, além de muita informação cultural – um alento espiritual ao leitor para esse período tão machucado em que vivemos.

Nesta edição, a *Academia convida para* conhecermos a prosa de **Liberato Caboclo**, a poesia de **Eliana Magrini Fochi** e a arte de **Rodrigo Silva**.

O imortal **Sérgio Vicente Motta** (*in memoriam*) é o homenageado da capa e, também, em artigo que apresenta a sua produção sobre *Dom Quixote, um cavaleiro em busca do céu*. O legado de Motta também está presente em *Portinari: a leitura de um quadro*.

Em *Clarice Lispector e Carson McCuller – uma breve leitura comparativa* e em *A peste e a esperança na literatura italiana*, abrimos nossos horizontes a um novo olhar sobre obras consideradas como clássicos da literatura.

Arquitetura, Linguística, Direito, Filosofia, são temas de artigos e crônicas que tornam a publicação única e diferenciada. Navegue por **Kapiiuara** – um mundo de informações para leitores especiais.

Márcio Martelli

Escritor e editor

Membro da Academia Jundiáense de Letras



Academia convida para Prosa Liberato Caboclo

Eu estava no 2º ano Ginásial e morava na Piedade. De quando em vez, principalmente às vésperas das provas, eu ia estudar com um colega de turma, residente no Encantado, numa vila chamada Felicidade, que hoje em dia receberia o nome pomposo de condomínio. Os tais condomínios fechados, nada mais são que as antigas vilas. A única diferença é que em toda a vila havia um marido corno e, nos condomínios, eles proliferam como jamais se viu. A mãe do meu colega era uma mulher tipicamente suburbana, a Dona Abigail. Dona Abigail era uma mulher de hábitos simples, muito vaidosa e extremamente preocupada com a casa e com os estudos dos filhos. Moravam numa casa própria, adquirida através de um plano habitacional da Sul América Capitalizações. A casa era mobiliada com móveis Chipandelle, todos decorados em decapê, habilidade que Dona Abigail desenvolvera no curso de artes, da escola paroquial. Todas as chaves dos móveis eram enfeitadas com bonequinhas de plástico, vestidas com lã desfiada. Na varanda, as indefectíveis andorinhas e na cozinha uma geladeira de doze pés, dos quais Dona Abigail só conseguira contar quatro. Limpa no corpo e na alma. Todo sábado, fazia as unhas e ia ao cabeleireiro passar um pente baiano e fazer um penteado apropriado para o jantar dançante do River Futebol Clube, do qual toda família era sócia. Antes de ir, preparava os assados e as sobremesas para o domingo, depois de ter feito uma bela de uma faxina e passado vermelhão no piso, que brilhava mais que qualquer atriz de cinema. Religiosa,

Ascensão e queda de Dona Abigail

confessava os pecados, geralmente relacionados às fraquezas da carne, mas não passando de um sonho erótico com um galã da novela das oito. Sua carne, propriamente dita, era igualmente flácida e nela pontificava uma exuberante celulite, que Dona Abigail atribuía ao seu fanatismo por refrigerante. Aos domingos, sempre organizava um bailezinho para os seus filhos e amigos, animado pelas músicas de uma vitrola de alta fidelidade, que só ela e o marido podiam manusear. Levava esse negócio de fidelidade muito a sério. Sonhava com um futuro brilhante para os filhos. Para o menino, meu colega, quem sabe seria um alto funcionário do Banco do Brasil. Para a menina, um marido, com um emprego público seguro, que lhe possibilitasse adquirir uma casa própria e ter uma aposentadoria confortável.

Foi nesse estado social que encerrei o meu relacionamento no quarto ano ginásial, pois o meu amigo foi fazer um curso de contabilidade e nunca mais o vi, enquanto eu fazia o meu científico no Colégio Pedro II centro. Nunca mais soube de Dona Abigail e sua família. O curso colegial e depois a faculdade, de tal forma me absorveram, que não tive tempo para manter relacionamentos sociais, a não ser com os meus colegas de classe e com os meus amigos de rua. Já formado, encontrei o filho da Dona Abigail na praia da Barra da Tijuca e fiquei ciente da transformação que ocorrera na família. Sem mais, nem porque, um dia o marido de Dona Abigail recebera uma carta de Portugal, informando da morte de um seu tio solteirão que, não tendo outro herdeiro,



deixara-lhe uma polpuda herança. O senhor Eurico, marido da Dona Abigail, deixou o seu humilde emprego de corretor de seguros, para se tornar um dos grandes distribuidores de bananas no Rio de Janeiro. A vida da família sofreu uma mudança radical. É comum, no Rio de Janeiro, que as aspirações dos suburbanos incluam um local ideal de moradia, que varia de acordo com a época e com o status a ser atingido. Quem melhora de vida, acima de Deodoro, sonha um dia morar na Vila Valqueire. Nos arredores de Casca-dura, o Nirvana sempre foi o Bairro Freguesia em Jacarepaguá. Mas, numa determinada época, a Barra da Tijuca, passou a ser a “terra prometida” dos emergentes, nome hoje usado para designar o antigo “nouveau-riche”. Dona Abigail se mudou para um condomínio horizontal de alto luxo na Barra, sendo sua casa construída por um escritório famoso de arquitetura e decorado pelo não menos famoso colunista, Jean Albert, que escrevia sobre a vida social, no Jornal Barra News Tribune, lido e comentado por todos os moradores dos condomínios da Miami Brasileira. Eurico, homem pouco afeito aos modernismos, quase esmurrou Jean Albert, quando ele, com uma intimidade injustificável, segurou o queixo de Abigail com as suas mãos bem tratadas, e lhe deu dois beijos na face, culminando com “olá, mon

amour”, no dia em que se apresentou para fazer o plano de decoração da nova casa de Eurico e Abigail. Mas Eurico pôs o ciúme de lado, quando recebeu um beijo, também, na face daquele ser jamais visto pelo simplório Eurico. Em poucos minutos, Jean Albert havia determinado todos os tipos de móveis e estofados, que a casa iria receber. Fez apenas uma concessão à Abigail. Ela não abria mão do seu quadro da Monalisa, feito com uma gravura da Abril Cultural. Jean Albert admitiu que este detalhe kitch se coadunava com a ousadia do seu estilo cult. Quando fui apresentado à mãe de meu ex-colega do ginásio, mal reconheci a Dona Abigail do subúrbio carioca. Ela estava mais plastificada que carteira de identidade. Identidade, aliás, que ela perdera. Fora esculpida por um famoso cirurgião plástico, especialista nas quatro operações fundamentais – adição de silicone às nádegas, subtração das rugas, multiplicação do tamanho das mamas e divisão da barriga, sendo o resto inferior enorme, quase do tamanho do dividendo. Sua conta cirúrgica mais parecia o produto de vários fatores – cachês a colunistas sociais, comparecimento a falsos congressos e safáris ao lado de mulheres famosas, alugadas. Eurico expandira seus negócios e era considerado “o rei das bananas”. No condomínio, dos bananas, pois era de domínio público,

o relacionamento de Abigail com Jose Eduardo, cinquentão de cabelos grisalhos, em nascido e mal criado e que negociava o seu charme com as emergentes. Poucas vezes fui à casa da família. O meu colega de ginásio e sua irmã haviam ficado um ano nos Estados Unidos, através do programa AFUP – American Field for Underdeveloped People. Abigail se vangloriava de seus filhos terem agora, pais americanos legítimos. O meu colega era um competente surfista e sua irmã “promoteuse” de festas e acontecimentos sociais. Abigail se queixou comigo de que se sentia inferiorizada perante suas amigas, pois, não era capaz de ter uma conversa “à altura”. Morria de inveja, quando uma amiga dizia que estava “procurando seu espaço” ou “investindo num relacionamento afetivo pleno”. Além do mais, Abigail achava extremamente chic se dizer “flat” em vez de apartamento, parkear, em vez de estacionar o carro e outras riquezas linguísticas de gente pobre de espírito. Jean Albert lhe deu a receita – um grande tour pela Europa. Que foi feito, sendo Abigail acompanhada pelo grande cap Jose Eduardo. O Jornal da Barra não se cansou de publicar fotos de Abigail junto ao seu gentil amigo. Fui convidado para a festa em “petit-comité” na chegada de Abigail. Ela estava mais rústica do que nunca. Para começar, chegara à conclusão

de que só a comida terrestre lhe agradava. Os frutos do mar, detestara, e a comida aérea era intragável. Criticou também o prefeito de Atenas que não se importava com a cidade toda em ruínas. Finalmente, ficara decepcionada com a Monalisa do Louvre – nem moldura tinha. Ela jamais trocaria o seu quadro da Abril Cultural por aquele “quadrinho do Louvre”. Afastei-me do convívio da família, pois, eles viviam uma vida totalmente diferente da minha. Só fui revê-los no enterro de Abigail. Ela se suicidara ingerindo uma grande dose de barbitúricos. Haviam perdido todo o dinheiro e todos os bens. Não há poupança que resista à inflação de gastos dos emergentes. Quando se inventou o prazo fixo, fixou-se o tempo para esgotar o dinheiro dos ingênuos. Eurico ficara branco, quando viu que estava no vermelho, em todos os bancos. Na sua simplicidade, voltaria ao subúrbio. Já Abigail, suicidou-se, deixando um testamento com as suas exigências finais. Foi velada no Salão nobre do Clube da Elite da Barra, dentro de um caixão de cerejeira legítimo com tampa de vidro degradê. No velório foi rezada uma missa de corpo presente por um padre holandês importado, sendo o culto feito em latim virgiliano. Tudo como “il faut”, diria Jean Albert na sua coluna social, no Jornal da Barra.





Poesia

Eliana Magrini Fochi

Sobre Eliana

Em flashes existenciais, os poemas de Eliana aqui mostrados provam como as palavras podem ser dúbias. Sintéticas, captam átimos; analíticas, perfuram a alma. Palavras-bisturis.

Ler Eliana é suspender a respiração diante da surpresa do que ela consegue transmitir.

Sua série de Natureza morta sugere, incoerentemente a vida. A mesma vida que move uma aranha sobre seu fio de aparência frágil mas forte o suficiente para que, em total segurança, ela deslize por onde deseja. A mesma vida que oscila entre o perigo e a coragem. A mesma vida insignificante diante do macrocosmo e essencial dentro do microcosmo.

No marrom/terra contraposto ao dourado/claridade ou ao escavar/enterrar-se para, por fim brotar, Eliana obtém a dualidade implícita da existência, da evolução, do crescimento.

Não há muito o que dizer de sua escrita. Há que muito degustar. Ler. Reler. Meditar e aproveitar para si os ensinamentos de mestre que é. Guardar em si, com delicadeza e gratidão, os momentos da vida como fatos singelos em um precioso relicário da alma, depositário, este, sim, da Vida.

Rosalie Gallo y Sanches

Cadeira 29



Natureza morta 1

O ser goteja do telhado – é um pingo
contra a imensidão das alturas de aves.
Mesmo assim, na segurança do risco,
ele se pendura em corda frouxa –
um traço branco na indecência do perigo.
Qualquer voo poderá ser o voo.
A obra civilizada pede o equilibrista da antena
desenhando um Ícaro contra a paisagem indiferente.

Natureza morta 2

O marrom-marrom da lama desprende o ser –
estátua de argila que no sopro ganha vida e redesenha o barro
que agora anda e escava e busca
tesouros de fome escondidos.
Chapinhando a água escura
a estátua exulta com o troféu de garras
que a lama expele para a mesa.

Natureza morta 3

Na luz que arde na fornalha o ser se agita –
monstro de máscara, indivisível do clarão do fogo,
transpira o aço que se derrete em lava
para compor a lâmina.
Quiçá a mesma em que se há de
gravar um nome que deixou de existir.

Natureza morta 4

Da encosta que escancara milhares de bocas
o ser se esboça – uma delas, ele próprio,
que escava e escava e se enterra cada vez mais.
Tudo para que brote o talvez talismã para amanhã
nesse eldorado de terra e lama e tristes sinas.
Olhos e dentes sobressaem do rosto de terra
do ser que escava a esperança.

Relicário

Vejo a vida pelas pupilas luzentes da cidade.
Da morna indolência que escorre pelos muros
brotam flores rúbeas e dizeres soltos.
Versos, talvez, de uma poesia vã e já perdida.
Casas solenes guardando confidências de gentes e bichos
que deitaram âncora na terra seca de que nasceu a urbe.
Paisagem de céus entre púrpura e ouro.

Cenário da sinfonia de ruas que são
abraço, cativo mais que consentido.
Arrasto as mãos pelo corredor comprido
e a casa se desenha cada vez mais névoa.
Nos quadros de imagens esmaecidas,
sorrisos e olhos plangentes me saúdam
enquanto me procuro na memória.

A viagem me mostra a certeza de chegar
quando os ventos soprarem e não houver mais folhas.
Serão dias de medo querendo fazer coro
com as Parcas impiedosas – fechando o cerco.
Não há mais mentiras que os dias não contam
e todas as noites serão a insônia que espreita
tristando as madrugadas.



Rodrigo Silva

Um homem verdadeiramente naïf

Rosalie Gallo y Sanches
Cadeira nº 29



Falar em *naïf* é absoluta e imediatamente sugerir a ingenuidade do ser humano. Não, entretanto, a ingenuidade como sentimento de tolice, como pensam muitos. Também não a criancice de expor sentimentos sem refletir, como pode parecer a adultos precoces e fora do tempo.

Ser *naïf* é ser puro, mostrar-se sem pudor ou restrições, não ferir nem quando surge a crítica. Ser *naïf* é ser bondoso. Por isso é tão difícil sê-lo.

Um artista, para ser um bom artista, precisa rasgar seu peito e mostrar de que material é feita

sua alma, qual a cor com que seus olhos enxergam o mundo, qual o outro lado da moeda da realidade como opção. Sendo *naïf*, um desafio múltiplo e constante.

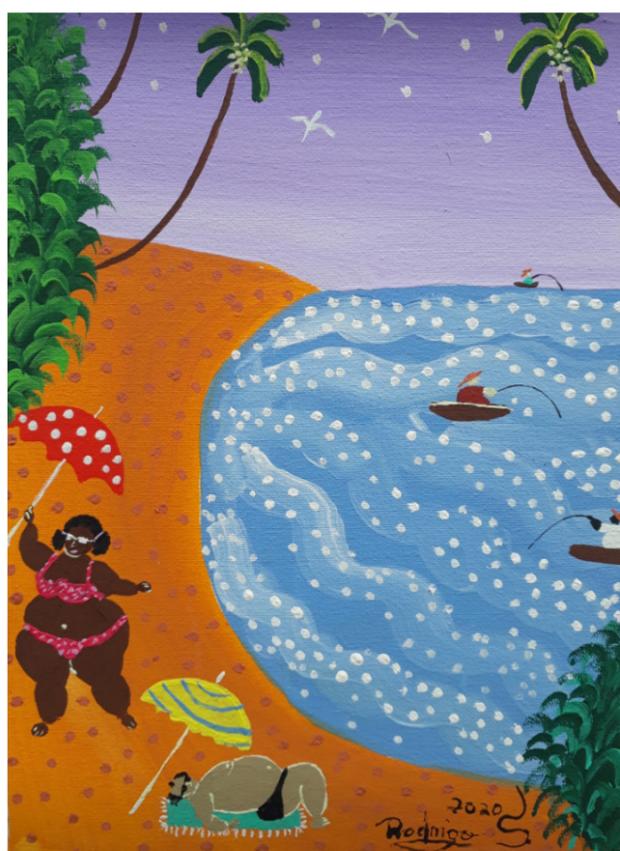
Rodrigo Silva nasceu em São José do Rio Preto/SP em um tempo qualquer. Simples, à semelhança de Deus. *Naïf*, portanto.

A doçura de sua alma se esparrama por meio de sua voz, temerosa de ofender os tímpanos alheios. A delicadeza de seus hábitos é refletida nas pinceladas que dá em suas pequenas-imensas telas e nos gestos contidos, muito cuidadoso

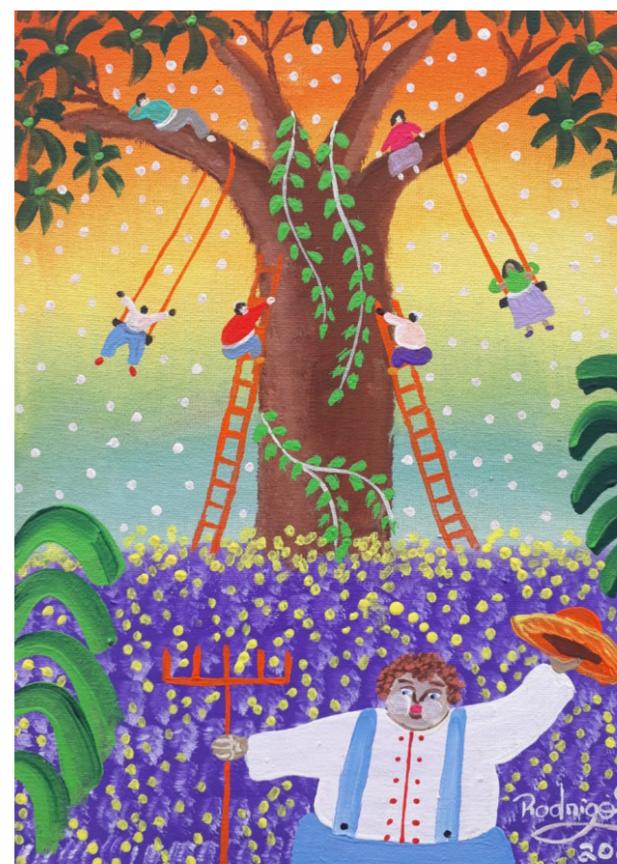
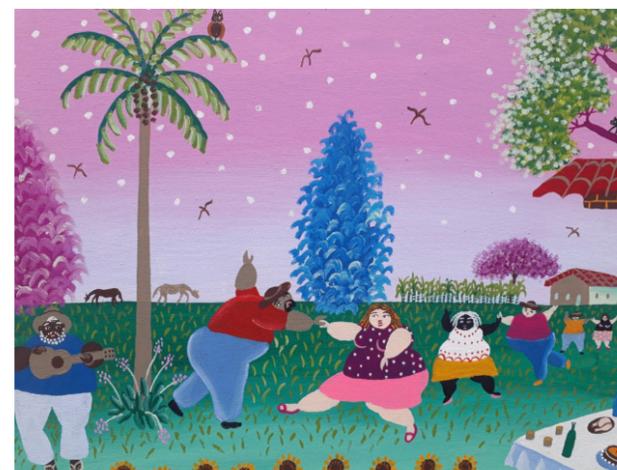
para não invadir o espaço alheio, acostumado que está a viver em sua humilde natureza.

Conheço Rodrigo há muitos anos. Espantei-me de vê-lo pintando com potinhos de tintas acrílicas escolares, eu que esperava vê-lo portando palheta e tintas a óleo. Adquiri alguns quadros que ostento em minha sala com orgulho e enriqueci o quarto de minhas netas com a tela dos palhaços.

Seu sobrenome – Silva – não o liga diretamente ao ícone famoso a quem foi merecidamente destinado um Museu na cidade de São José do Rio Preto/SP mas sua arte, com certeza, tem muito a ver com José Antônio da Silva. Não sem razão Rodrigo já expôs em muitos locais. Na Europa seus quadros foram apreciados na Itália, Portugal, Noruega e Áustria, de onde recebeu, diretamente de Viena, uma medalha de prata. Nos Estados Unidos puderam constatar seu valor em São Francisco. Em nosso país tem participado e recebido inúmeras premiações importantes.



Apaixonado por cenas tipicamente brasileiras, Rodrigo traz à tona um Brasil interiorano, quase esquecido pelas novas gerações urbanas. Sua mais recente fase reporta à arte do colombiano Botero, ao representar figuras humanas rechonchudas e que fogem ao padrão da dita normalidade.



O doce, ingênuo e grande artista *naïf* Rodrigo Silva agora é um convidado especial da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura e me sinto honrada em apresentar suas obras nesta edição de nossa Kapiiuara a todos os nossos leitores.

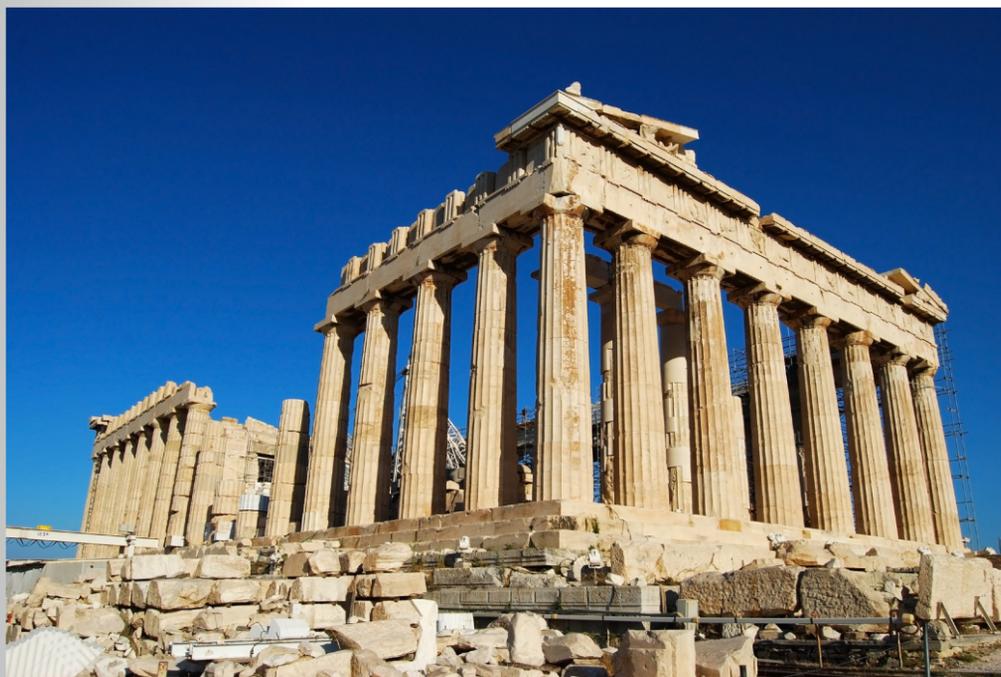


Arquitetura

As Três Ordens Gregas

Alberto Gabriel Bianchi

Cadeira nº 44



Queremos, com esta publicação esclarecer que destas três Ordens de Arquitetura surgiu um sistema de ensinamento moral dos mais belos já vistos pela humanidade, desenvolvido e divulgado a partir do ano de 1717 aos estudiosos das escolas do passado.

As três Ordens de Arquitetura Grega são representadas por três grandes Colunas denominadas Sabedoria, Força e Beleza que, simbolicamente, orientam o indivíduo no seu percurso existencial. Cabe à Sabedoria nos guiar para discernir e conduzir nossas atitudes, gestos e pensamentos. À Força, animar e nos sustentar em todas as dificuldades e as adversidades do mundo. E, por fim, à Beleza adornar todas as nossas ações, nosso caráter e nosso espírito.

O encanto e o fascínio da forma, nos acaricia o espírito e estimula nossas emoções. É a pura expressão da arte e do estímulo dos sentidos mais sutis. Nos encanta uma linguagem poética ou uma história que nos ativa a imaginação e criamos internamente imagens que nos envolvem, nos fazem compreender, ampliam nossa percepção, aguçando nossa atenção, como se tivéssemos uma mesa farta, à nossa disposição de iguarias deliciosas para nosso deleite, despertando o nosso prazer em sentir sabor.

Há três formas para nos envolvermos pela comunicação: Cabeça, estômago e coração. A cabeça pressupõe a coerência, a lógica, a clareza do raciocínio; o estômago simboliza a atenção gerada pela necessidade e, por último, o coração,

que é o envolvimento gerado pelas emoções, pela forma, pelas sutilezas que fluem para nos fascinar o espírito.

Desse modo, a junção desses três pilares no processo da comunicação humana, traduzem a profundidade do poder da oratória, da eloquência, da evolução humana e das nossas relações em geral do dia-a-dia.

Goethe, um dos maiores escritores alemães disse certa vez, que “a música seria a mais belas das artes se não fosse a oratória”. Por isso, proponho que reflita e perceba o quão poderoso cada vez mais você poderá ser, no campo da influência em todos os níveis da sua vida, quer seja no pessoal ou profissional, no social ou no familiar, mesclando esses três pilares da comunicação: Sabedoria, Força e Beleza e que isso traga a você grandes alegrias, sucesso, a sensação de que está tornando o mundo cada vez melhor pela sua influência ou inspiração.

O Universo é o Templo da Divindade, a quem servimos. A Sabedoria, a Força e a Beleza estão em volta de seu Trono, como pilares de suas obras. Sua Sabedoria é infinita, sua Força onipotente e sua Beleza manifesta-se em toda a Natureza pela simetria e pela ordem.

Essas três colunas representam também: Salomão pela Sabedoria em construir, completar e dedicar o Templo de Jerusalém a serviço de Deus.

A essas Colunas foram dadas três ordens de Arquitetura: a Jônica, para representar a Sabedoria; a Dórica significando a Força e a Coríntia simbolizando a Beleza.

Todo este simbolismo nos indica que, na obra fundamental de nossa construção moral, devemos trazer para a superfície, para a Luz, todas as possibilidades das potências individuais, despojando-nos das ilusões da personalidade.

Neste trabalho, só poderemos ser Sábios se possuímos Força, porque a Sabedoria exige sa-

crifícios que só podem ser realizados pela Força, mas ser Sábio com Força, sem ter a Beleza é triste, porque é a Beleza que abre o mundo inteiro à nossa sensibilidade.

As realizações gregas em arquiteturas tem sido identificadas, desde os tempos romanos antigos, com a criação das três ordens arquitetônicas clássicas: a dórica, a jônica e a coríntia. Dentre elas a dórica pode muito bem ser considerada a ordem básica, sendo mais antiga e mais exatamente definida do que a jônica. A coríntia é uma variante da última. O que pretendemos dizer por “ordem arquitetônica”? O termo é utilizado com relação à arquitetura grega (e tudo que dela provém), e com propriedade, pois nenhum dos outros sistemas arquitetônicos que conhecemos já produziu qualquer coisa comparável. Talvez o modo mais simples de esclarecer o caráter único das ordens gregas seja este: não existe o que se possa chamar de “templo egípcio” ou igreja gótica – os edifícios considerados isoladamente, por mais coisas em comum que possam ter, são tão diversificados que não podemos extrair deles um tipo generalizado – ao passo que o “templo dórico” é um entidade real, que se forma inevitavelmente em nossa mente ao examinarmos os monumentos. Essa abstração não é, naturalmente, um ideal que sirva de parâmetros para avaliarmos o grau de perfeição de um determinado templo dórico; significa simplesmente, que os elementos dos quais um templo dórico é composto são extraordinariamente constantes quanto ao número, espécie, e relação existente entre eles.

Todos os templos dóricos pertencem à mesma família claramente identificável; mostra uma consistência interna e um ajuste mútuo das partes que lhes conferem uma característica única de inteireza e unidade orgânica.

A civilização da Grécia Antiga se destacou em disciplinas como Filosofia, Teatro, As colu-

nas apareceram pela primeira vez na arquitetura grega durante o século VII a.C. e atingiram seu auge com a construção do Parthenon, 200 anos mais tarde. Os três tipos de colunas gregas mais comuns são as de ordens Dórica, Jônica e Coríntia. Os estilos de muitas colunas utilizadas na arquitetura foram inventados milênios atrás na Grécia e essas são as três principais originadoras das colunas desenvolvidas pela Grécia antiga. Esses estilos de coluna ainda são usados em construções hoje em dia.

Nas áreas da Matemática e Arquitetura foram criados novos sistemas e nesta o termo “ordem” se refere ao estilo próprio de cada período.

Os gregos construíram estádios para as competições esportivas, teatros para representar as comédias ou tragédias e templos destinados a adorar seus deuses. Na construção dos templos foram utilizados três sistemas ou ordens: a jônica, a dórica e a coríntia.

Ordem jônica

Causa uma impressão de elegância e ao mesmo tempo fragilidade e riqueza decorativa. O edifício mais característico se encontra na ilha de Éfeso, mais especificamente no templo dedicado à deusa Ártemis. Deve-se destacar que a ordem jônica é posterior à dórica, pois apareceu no século VI a. C.

A coluna desta ordem tem uma base que se sustenta sobre um tipo de degrau, o estilóbato. Sobre esta base se sustenta o fuste, que tem uma forma circular e normalmente é mais larga na parte inferior que na parte superior. O fuste conta com uma série de caneluras que são separadas por nervuras.

O capitel é formado por duas volutas arredondadas e acima delas está o ábaco. Obviamente, toda a estrutura da coluna serve para manter o peso da cornixa e do frontão do templo.

Ordem dórica

É a mais antiga das três e suas origens remontam ao século VII a. C. Sua denominação se refere ao povo dório, que foi o primeiro a incorporar este estilo arquitetônico. Caracteriza-se por sua sobriedade e simplicidade, assim como pela ideia de harmonia.

O elemento característico do templo dórico é a coluna. Esta é formada por três estruturas: uma base, um fuste e um capitel. Num sentido mais estrito, a base é inexistente, uma vez que o fuste se sustenta diretamente no último degrau que dá acesso ao recinto do templo (este degrau é conhecido pelo termo estilóbato que, por sua vez, sustenta os degraus inferiores ou estereóbatos).

O fuste da coluna é circular e tem sulcos com formas côncavas, por outro lado, seu tamanho vai diminuindo progressivamente desde a parte inferior até a superior.

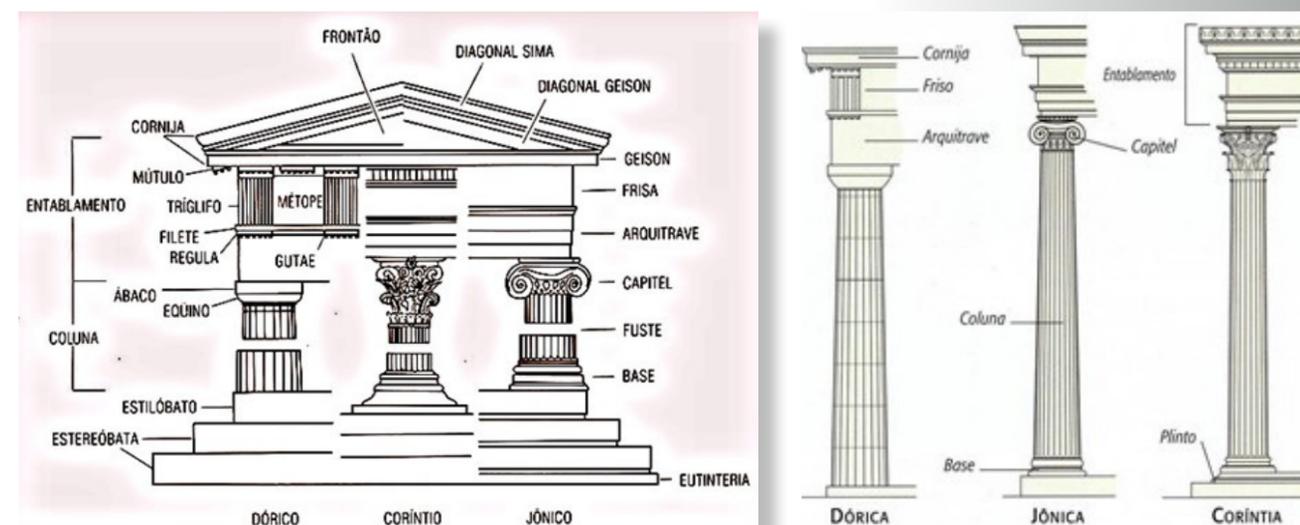
O capitel dórico tem três partes:

- 1) o ábaco é uma forma retangular que sustenta a estrutura horizontal do templo,
- 2) abaixo do ábaco está o equino, que tem uma forma convexa,
- 3) a extensão do fuste é o colarinho, também conhecido como astrágalo.

Ordem coríntia

Esta ordem clássica é uma das mais utilizadas e se destaca pela beleza de seu capitel. Sua origem se remonta ao século V a. C, em pleno período clássico, da mesma forma que outras ordens, sua principal característica se encontra na coluna.

A coluna se destaca por sua decoração, uma vez que são utilizadas formas semelhantes às duas fileiras de folhas de acanto que se sobrepõem em sua parte inferior e um ábaco curvado na parte superior. O fuste da coluna é mais fino que na ordem jônica e apresenta caneluras com ângulos.



O grande feito da arquitetura grega foi muito mais do que apenas construir belos edifícios. Os templos gregos são regidos por uma lógica estrutural que os faz parecer estáveis devido à organização harmoniosa de suas partes. Os gregos tentaram regular seus templos de acordo com a harmonia da natureza, construindo-os segundo unidades calculadas, tão proporcionais que estariam todas em perfeita harmonia. (“Perfeito” era um conceito que significava tanto para os gregos quanto “eterno” significava para os egípcios).

Então, os homens eram capazes de criar unidades orgânicas, não pela imitação da natureza, nem por inspiração divina, mas sim através de um projeto. Assim, seus templos parecem quase vivos. Obtiveram esse triunfo principalmente por expressarem as forças estruturais ativas nas edifi-

cações. No período Clássico, expressões de força e força contrária tanto nos templos Dóricos quanto nos Jônicos tiveram proporções tão exatas que sua oposição criou o efeito de um perfeito equilíbrio de forças e harmonia de volumes e formas. É essa portanto, a verdadeira razão pela qual, ao longo de tantos séculos, as ordens tem sido consideradas como a única base verdadeira da arquitetura moderna. São tão perfeitas que não podiam ser sobrepujadas, mas apenas equiparadas.

Fontes de pesquisa: Iniciação à História da Arte. Original: **History of Art for Young People** (1971) H. W. JANSON e ANTHONY F. JANSON. Tradução Jefferson Luiz Camargo. Várias escolas e livros da Maçonaria.

Literatura

Clarice Lispector e Carson McCullers: breve leitura comparativa

Vera Paraboli Milanese
Cadeira nº 32



Foto: divulgação

O hábito da leitura leva o ser humano, mesmo que intuitivamente, a comparar o que lê, fazendo aproximações, encontrando identificações e diferenças entre autores e obras. Como disciplina, a Literatura Comparada surgiu na França e, nos seus primórdios, significou a consciência de um possível cosmopolitismo literário. Ao buscar uma visão mais ampla das obras em estudo, desvela a transmutação das formas, ou seja, as transformações que cada autor ou nação impõe às suas obras. Comparar significa buscar projeções, coincidências, paralelos, contrastes, afinidades, ressonâncias, correspondências. Esse é o objeto deste artigo, que propõe uma breve lei-

tura comparativa de Clarice Lispector e Carson McCullers.

Tula Carson Smith nasceu em Columbia, Geórgia, em 1917 e morreu em 29 de setembro de 1967, com apenas 50 anos, vítima de hemorragia cerebral, em Nyack, New York. Desde criança, demonstrou um grande interesse pela música, que posteriormente influenciou sua obra literária, chegando inclusive a cursar a *Lilliard School of Music* antes de frequentar o curso para escritores da Universidade de Columbia. O sobrenome McCullers vem de seu marido. Como escritora, foi bolsista da Fundação Guggenheim e viveu um tempo em Paris, onde dirigiu a montagem



Foto: divulgação

de sua obra *The member of the wedding*, que adaptou para o teatro juntamente com o famoso autor teatral Tennessee Williams. Em Paris sofreu dois acidentes vasculares cerebrais, ficando com o lado esquerdo paralisado e perdendo parte de sua visão direita. Duas tragédias também aconteceram nesse período: o suicídio do marido e a morte de sua mãe. Carson continuou escrevendo, mesmo com muita dificuldade física e emocional, mostrando que escolheu a trilha mais estreita mas inevitável para ela, a do enfrentamento da dor por meio do trabalho com as palavras. Já Clarice Lispector (1920-1977), nascida na Ucrânia, veio para o Brasil com dois meses, morando em Recife até os doze anos, de onde mudou para o Rio de Janeiro. No Rio, completou sua formação universitária em Direito; mas sempre interessada na Literatura, iniciou sua formação literária com títulos bem sugestivos, como *O lobo da estepe*, de Herman Hesse. Casando-se com o diplomata Mauri Gurgel Valente, viveu doze anos no exterior (Itália, Suíça, Estados Unidos, Inglaterra e França), mas sempre se considerou pernambucana. O final de sua vida foi marcado pelo cansaço e desalento: contando apenas com uma

pequena aposentadoria e insignificantes direitos autorais, precisou recorrer ao jornalismo e traduções para sobreviver. Teve sua mão direita mutilada por um incêndio provocado por um cigarro, mas continuou a escrever praticamente até sua morte, causada por um câncer de ovário.

Um dos principais temas da obra de McCullers é o isolamento social em que vivem os homens. A própria escritora afirma que a incapacidade física de vários de seus personagens espelha sua incapacidade de dar ou receber amor. Longe de serem heróis, são, na maior parte das vezes, vítimas de processos alienadores, pessoas desajustadas que sofrem as consequências do vazio existencial e da incomunicabilidade humana. Sob uma perspectiva sociológica, podemos dizer que o pessimismo de McCullers é uma amostra da reação à ênfase dada aos aspectos sociais nos anos 30. Por meio dos conflitos de seus personagens, McCullers vai em busca da identidade individual. Os temas sociais, quando existentes, estão subordinados à essa visão mais individualizada do ser humano. Apesar de não serem heróis, e talvez, por isso mesmo, conquistam facilmente a simpatia do leitor que, num processo catártico, vê neles suas frustrações reveladas.



Contemporânea de Carson McCullers, Clarice produziu a maior parte de sua obra entre os anos de 1945 e 1964, período em que o panorama político-social do Brasil se caracteriza principalmente por uma crescente industrialização; por certa regularidade instável no plano das instituições e da história política, marcada, por exemplo, no processo de sucessões presidenciais, que giravam em torno da manutenção de interesses econômicos; pela passagem do nacional-populismo para o nacional-desenvolvimentismo e pela evolução cultural, graças às atividades universitárias. O incremento à industrialização causou o agravamento de certos problemas como o crescimento urbano desenfreado e o esvaziamento da mão de obra camponesa, mas tudo estava camuflado pelo espírito de euforia que parecia envolver todo o país. Mesmo atendo-se à individualidade de seus personagens, Clarice Lispector pode proporcionar uma leitura crítica da realidade, pois seus contos parecem denunciar a falsidade do equilíbrio social existente.

O tema da incurável solidão humana também é recorrente na obra de Clarice, cuja vida, tal como a de McCullers, foi marcada por grandes dificuldades físicas, materiais e emocionais. Ambas buscaram, na escrita, redenção para o sofrimento. Clarice mostra em sua obra que, sob a aparência de tranquilidade, há, no íntimo de seus personagens, um emaranhado de angústias, frustrações e desilusões que o evento mais íntimo faz explodir, denunciando a oposição entre um nível superficial e outro profundo. Isso acontece, por exemplo, no conto "Amor", de *Laços de família*, em que a simples visão de um cego mascando chiclete desencadeia na protagonista um total desequilíbrio. E também nos contos: "Uma galinha", "A imitação da rosa", "A menor mulher do mundo", "O búfalo". Para Luiz da Costa Lima: "A vida cerca os personagens de conforto, a segurança do seu dia a dia doméstica a potência agressiva do mundo. Deste quase se

afasta o imprevisto. Mas de súbito, por mais perfeito que seja o círculo de segurança e, por força inesperada, irrompe na existência das criaturas a sensação inédita, o contato perigoso. O impacto do que existe atinge os que eram até há pouco protegidos." (Por que Literatura, Petrópolis: Vozes, 1969, p.101). E sobre o momento epifânico, de revelação do real, paira sempre e para sempre, os temas recorrentes da incomunicabilidade e solidão.

No que diz respeito aos personagens, notamos que, em ambas, aparece a capacidade de suscitar no leitor a liberação de sentimentos reprimidos, o famoso "estranho familiar" de Freud. Nas palavras de Gilda Salem Szklo (Suplemento Literário de MG, 31.03.1979, p.07), "*Tanto nos romances como nos contos de Clarice Lispector fica-nos a estranha impressão de que mergulhamos num mundo de fatos e situações familiares, nossas conhecidas desde sempre.*" Se olharmos para os contos das duas escritoras, facilmente, observamos que há grupos de personagens que, se por um lado possuem características comuns; por outro, se diferenciam por uma ou outra especificidade: o professor, a mulher, o adolescente, os idosos, os casais. O professor, figura que oscila entre a representação do raciocínio lógico e o sentimento, aparece, por exemplo, em Clarice (*Laços de família*), nos contos "Preciosidade", "Começos de uma fortuna" e "Crime do Professor de Matemática" e, em McCullers (*The Ballad of the sad Cafe*) nos contos "Wunderkind" e "Madame Zilensky and the King of Finland". Depois das mulheres, os adolescentes são os tipos mais comuns de *Laços* de Clarice e aparecem em "Começos de uma fortuna" e "Mistério em São Cristóvão" e, na *Balada*, em "Wunderkind". Os idosos aparecem como personagens que reagem à coisificação, em contos como "Feliz aniversário", "O jantar" e "Madame Zilensky and the King of Finland". Os casais, por sua vez, marcam o ápice do fracasso da comunicação, em "Devaneio e embriaguez de uma

rapariga", "Amor" "The sojourner" e "A domestic dilemma". Em comum, há ainda aqueles personagens que substituem sua necessidade de encontro com outro ser humano por uma busca de comunicação com outro elemento da natureza, seja do reino animal, vegetal ou mineral. Dentre eles, temos o personagem do conto "A tree, a rock, a cloud", o professor de "O crime do professor de matemática" e a mulher de "O búfalo".

Tanto McCullers quanto Clarice usam uma linguagem clara e simples, o que não lhes faz perder nada da profundidade de sua temática. Ao contrário, conseguem produzir obras que permitem uma leitura superficial e outra profunda. Fundem o comum com o exótico, o prosaico com o poético, o simples com o complexo, num trabalho que as distingue como as mais criativas representantes de sua geração. Sobre Clarice, afirma Leodegário de Azevedo Filho: "*...essa linguagem, ao contrário do instrumentalismo de um Guimarães Rosa, apresenta uma superfície plana e quase coloquial. Dela se poderia dizer que é uma escritora que não sabe escrever, e por isso mesmo escreva tão bem. É que essa falta de instrumentalismo na linguagem nada tem a ver com complexidade do texto(...). Essa complexidade sobretudo resulta de sua experiência humana em base existencial, porque a fenomenologia e o existencialismo não estão ausentes de sua ficção, embora a sua ficção não se confunda com nenhuma corrente filosófica.*" (*A metacomunicação na linguagem de Clarice Lispector*, Vozes, Petrópolis, 66(10): p. 29-38, 1972)

Comparando os contos "Amor" (*Laços de família*) e "A domestic dilemma", de (*The ballad of sad Café*). vemos que ambos tratam da instabilidade pessoal e familiar, da inadequação da mulher aos papéis sociais impostos e da incomunicabilidade entre os cônjuges. Mas há diferenças claras: enquanto no primeiro temos acesso aos pensamentos e ações da personagem feminina, no segundo, são as ações e pensamentos de Mar-



tin que são narrados. Além disso, diferentemente de McCullers, Clarice enfatiza o momento epifânico, ou seja, o momento de uma súbita revelação que leva a um autoconhecimento até então inexistente. Depois dele, a protagonista Ana sabe que nunca mais será a mesma. A marca do amor grudou em sua pele, músculos e ossos, fazendo dela um ser humano diferente daquele que não se via, em seu mundo limitado e limitador. Depois da leitura de Clarice, nós, leitores, também poderemos não ser mais os mesmos.

Martin, personagem do conto "Domestic dilemma", é um homem de negócios em Nova York que, em seu regresso à casa depois de um dia de trabalho, encontra sua esposa bêbada e, indignado, se vê obrigado a cuidar dos filhos. Quando vai para a cama, sente uma vaga ternura por ela e percebe que, "pela primeira vez, naquela noite, ele olhou para a sua esposa". Aí estaria o dilema doméstico do título do conto: a ambivalente alternância entre amor e ódio que perpassa as relações humanas. Em "Amor", a vida doméstica também surge como fonte de sentimentos contraditórios: a protagonista revela a fragilidade de seus papéis de esposa, mãe e dona de casa, colocados em xeque após a visão de um cego mascando chiclete. Ana vê, sente, pressente. Em seu momento de epifania, conscientiza-se de todo seu o vazio interior e isso a desestabiliza. Busca alento junto à natureza no Jardim Botânico, onde se identifica com os elementos naturais e encontra um novo equilíbrio. Mas, logo precisa voltar para casa, onde sua realidade continua contraditoriamente frustrante e segura. Por isso, no final do dia, "Antes de se deitar, como se apagasse a vela, soprou a pequena flama do dia". Seria esse o indício de que o momento epifânico seria esquecido? O conto não nos responde, mas é ótimo saber que, mais do que respostas, tanto "Amor" quanto "A domestic dilemma" acendem perguntas em nossas mentes e, dependendo de nossa abertura a elas, trazem epifanias aos nossos corações.



Cultura

A pluralidade linguística é um patrimônio que o planeta Terra deve salvaguardar

Pasquale Amato
Membro honorário

A “Jornada Nacional dos Dialetos e das Línguas locais”, chegada à nona edição em 17 de janeiro de 2021, é uma louvável iniciativa cujo mérito é focalizar a atenção sobre um tema que o processo de globalização tornou de grande atualidade. Por um paradoxo da História a relação entre línguas nacionais e línguas locais virou de cabeça para baixo a partir do fim do segundo conflito mundial. Ainda nos anos 50, no processo de formação educacional, o tema dominante era o de impor a língua nacional através da escola ou por meio de cursos noturnos contra o analfabetismo (entendido como recuperação da não consciência da língua oficial em relação à prevalência, especialmente nas periferias do uso de dialetos e das línguas locais).

O advento da televisão foi determinante para a difusão da língua oficial nacional e o abandono gradual, principalmente em se tratando das novas gerações, do uso de dialetos e línguas minoritárias. A consagração do processo de globalização da economia, em simultâneo com a revolução informática, gerou não só um tipo de sociedade de pensamento único mas também de língua única. Esse o motivo pelo qual se verificou um rápida marginalização que atingiu primeiro as faixas mais frágeis, com o conseqüente fenômeno do isolamento das comunidades que até então tinham vivido com a utilização de línguas e dialetos em áreas restritas. Seguiu-se a isto e em primeiro lugar a extinção gradual das línguas não escritas.

Das crescentes preocupações sobre a perda definitiva desse patrimônio histórico e cultural da humanidade tornou-se intérprete a UNESCO, que deu vida a diversas iniciativas para interromper este fenômeno cujos efeitos devastantes são semelhantes ao desastre ambiental.

“As línguas mães, sob o ponto de vista multilinguístico, são fatores essenciais para a qualidade da instrução, que é a base da emancipação de mulheres e homens e das sociedades nas quais vivem... Cada aspiração a uma vida melhor, cada aspiração ao desenvolvimento exprime-se em uma língua, com palavras precisas para fazê-la viver e ser capaz de transmitir. As línguas são aquilo que somos; protegê-las significa proteger a nós mesmos”, declarou Irina Bokova, Diretora Geral da UNESCO.

Segundo uma pesquisa internacional realizada por uma equipe de estudiosos sob a chancela da UNESCO, a cada 14 dias morre no mundo uma língua. Por volta da metade deste século a metade das 7.000 línguas faladas hoje poderão desaparecer.

As línguas são o produto de milênios de observação e de organização das informações. Todas elas têm infinitas possibilidades expressivas e uma bagagem extraordinária de conhecimento. Por serem as línguas não escritas a maioria delas, para cada língua que se extingue são canceladas todas as ideias, os pensamentos, e as tecnologias nela contidos. Por esta razão cada língua

extinta não representa somente uma perda para seus falantes. Torna-se uma privação para toda a humanidade porque se perde, para sempre, uma parte da maior jazida de conhecimento humano até então existida.

A pressão da globalização negativa tende a impor em todos os lugares um pensamento único e o uso de uma língua única, reduzindo assim a grande variedade de tantos universos de pensamento. Urge contrapor a esta tendência dominante iniciativas que salvaguardem o uso de dialetos e de línguas minoritárias não pela proposta de contraposição mas direcionando para o bilinguismo língua nacional-língua local sobre o qual recentes estudos demonstraram efeitos de notável enriquecimento intelectual.

O Prêmio Mundial de Poesia Nösside – desde sua fundação, em 1983, em Reggio Calabria, até a XXXV Edição recém encerrada – procurou dar sua modesta contribuição em defesa das línguas locais e minoritárias buscando seu resguardo em relação ao risco de extinção. Uma contribuição endereçada ao bilinguismo a que me referi e direcionado à superação das mesmas barreiras que frequentemente as comunidades levantam, isolando-se cada uma em seu próprio território e tornando ainda mais frágil sua possibilidade de sobrevivência.

Está em sintonia, portanto, com a ONU e com a UNESCO em relação a este difícil front que, na Itália, há nove anos, prevê o dia 17 de janeiro como “Dia dos Dialetos e das Línguas locais”. A mesma inspiração inicial do Projeto dedicado à poetisa magnogrega Nösside de Locri nasceu neste mesmo território das Calábrias, onde permanecem resistindo três minoranças linguísticas (a grecânica, na Cidade Metropolitana de Reggio, as arberescas entre Sila e Pollino e a occitana de Guardia Piemontese, no Alto Tirreno) e uma miríade de dialetos diferentes até a língua reggina que se parece com a messinesa às margens do Estreito de Scilla e Cariddi.



Desde aquela criação inicial, o Nösside estendeu seus limites primeiro às línguas locais e minoritárias da Itália e por fim ao mundo. Conseguiu assim, no correr de poucos anos, a assumir a identidade que o caracteriza até hoje como único Prêmio Global para poesia inédita, sem fronteiras de Línguas ou Dialetos e como modos de comunicação (escrita, em música e em vídeo). Não foi portanto ao acaso que tenha obtido o reconhecimento da UNESCO por haver premiado e valorizado obras poéticas que vão do Aspromonte aos Andes e ao Himalaia, do Mediterrâneo ao Caribe, de tantas línguas tribais da África àquelas dos aborígenes da Austrália e da Nova Zelândia, da língua dos Mapuches do Chile àquela das estepes da Mongólia. A história de 35 edições do Nösside reuniu e valorizou as vozes poéticas de 100 nações do mundo em quase 140 línguas, das mais difundidas àquelas em risco de extinção.

O Projeto Nösside tem feito, portanto, do resguardo da pluralidade linguística do planeta, a sua idéia-força. Testemunhou com coerência, perseverança e cada vez maior propagação de quanto seja inteligente e positivo o encontro paritário entre as diversas línguas e de quanto as línguas mais difusas sejam devedoras aos universos conceituais das línguas menos difusas. Grandes línguas que foram impostas quase por efeito de conquistas muito sanguinolentas.

O Nösside não tem, entretanto, excluído de seu seio as línguas mais difundidas, atribuindo também a elas o direito de participação. Decidiu, acima de tudo, usá-las como cavalos de Tróia para permitir às línguas dos povos nativos e às minoranças a saída de seus guetos para globalizarem o conhecimento dos tesouros de cultura e comunicação que representam. O Nösside colocou, por fim, em prática, uma globalização alternativa àquela do pensamento único e da língua única. Uma globalização positiva que tende a exaltar, a salvaguardar e a valorizar a diversidade linguística no planeta Terra.



Filosofia

Alguns textos de renomados filósofos têm dominado meu pensamento nesses primeiros meses de 2021. Pergunto-me se tais insistentes lembranças estariam associadas às tragédias políticas, econômicas e pandêmicas que compõem meu dia a dia.

Revedo os textos, logo mais expostos, constatei que pretendiam combater com vigor manifestações de servidão intelectual e moral, comprometidas com certo saber institucionalizado, vigente em diferentes setores da sociedade.

Não seriam as enérgicas advertências dos filósofos justamente as armas capazes de combater o saber ou não saber que se espalha facilmente, graças aos instrumentos de comunicação dos tempos modernos? Parece-nos, contudo, ser menos com relação ao que é divulgado e mais ao modo como nos submetemos ao divulgado que os filósofos aqui citados endereçam suas críticas.

Kant (1724-1804), por exemplo, revela tal firmeza de propósito que nos dispensa de fazer comentários sobre seu anseio de construir o humano sobre alicerces de liberdade intelectual e moral. Eis as notáveis ponderações de Kant a respeito da pergunta sobre o Iluminismo: “O Iluminismo é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é o culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do Iluminismo.”

Mas Kant, que se movimenta no interior do Iluminismo (séc. XVIII), não é o único moderno a exaltar as luzes da razão e do conhecimento

A lição

Isabel Pimenta Hernandes
Membro honorário



científico como recursos para a emancipação intelectual e moral.

Abrindo a grande porta para o ingresso na modernidade, o empirista britânico Bacon (1561-1626) e o racionalista francês Descartes (1596-1650), ainda que oferecendo propostas lógicas e epistemológicas diversas, estendem o tapete para uma nova mentalidade, avessa aos preconceitos e à submissão às falácias doutrinárias.

Seríamos ingratos se, ao considerar o séc. XVII como o prefácio de uma nova mentalidade, deixássemos de reconhecer que os renascentistas já teriam, nos séculos anteriores, semeado novos e férteis valores em defesa da liberdade artística e intelectual. E ingratos seríamos, também, se deixássemos de engatar uma longa marcha à ré a fim de recordar as lições de Sócrates, patrono da Ética, que em pleno séc. V a.C. ensinava no *Críton*, diálogo de Platão, que devemos pensar por nós mesmos, fazendo uso da razão e não do consenso geral. Os outros podem errar. Cabe a cada um

encontrar a resposta que considera correta.

Textos e frases povoados de advertências e ensinamentos acabam esquecidos ou ignorados nos dias de hoje, inquietos e afobados, em troca do “saber” fácil e rápido, embutido de preferência em aparelhinhos portáteis, com mensagens insistentes que se alimentam do provérbio “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

Contudo, a comunicação irresponsável que caracteriza as relações humanas na atualidade, mergulhada na ausência de compromisso, no anonimato criticado por Heidegger (1889-1976) ou no mero “saber por ouvir dizer” (“knowing by hear say”), sabiamente denunciado por Locke em pleno sec. XVII, pode ser altamente lesiva, capaz de destruir reputações e de levar, até mesmo, a linchamentos mortais.

Não há, evidentemente, possibilidade de alteração desse quadro a não ser pela valorização de modelos educacionais capazes de desenvolver o espírito crítico e o amor pela verdade.



Direito

A Inteligência Artificial e o Direito

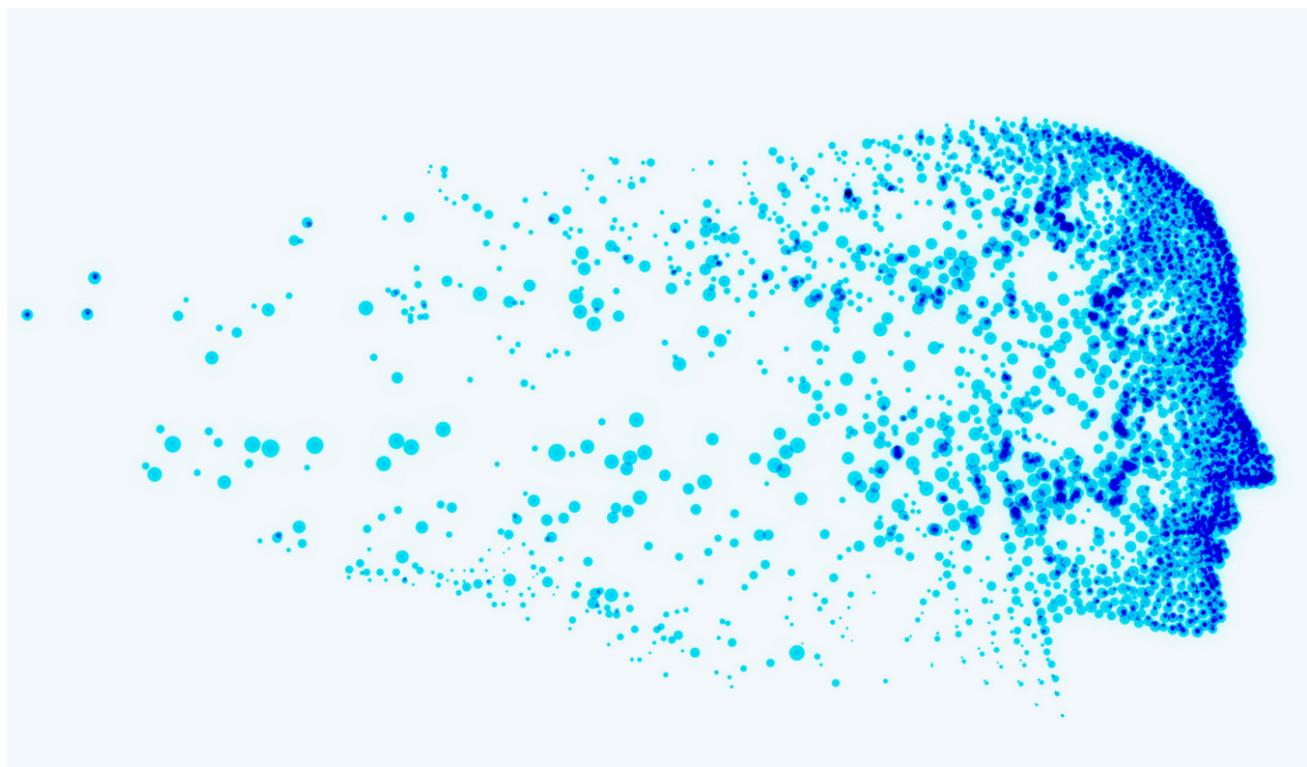
Eudes Quintino de Oliveira Júnior
Cadeira nº 26

Quando se fala em inteligência artificial tem-se a impressão de que o tema pertence à mais distante ficção científica, justamente por incorporar um mundo ainda não experimentado. Mark Twain tinha razão quando afirmava que a principal diferença entre a ficção e a realidade é que a ficção tinha que ter um conteúdo de credibilidade, enquanto a realidade gozava de pleno crédito. Mas a realidade faz ver que já convivemos com a inteligência artificial, que apenas iniciou seus primeiros passos com algoritmos altamente inteligentes com suporte racional para resolver os mais intrincados problemas que o ser humano

demandaria muito tempo para equacionar, sem contar, ainda, com a grande margem de erros.

A inteligência do homem não nasce pronta, vai se criando com o tempo pelos métodos convencionais de ensino e vai se alimentando da observação de tudo que vê ao seu redor, constituindo-se na soma de experiências de inúmeras áreas do saber, trilhando, desta forma, as chamadas inteligências múltiplas, percorrendo o caminho que leva à sabedoria.

As nações, na realidade, se preocupam em disputar a primazia e o poderio do progresso humano na busca de um super-homem, não se



importando muito com o bem-estar do ser humano. Ocorre que, pela limitação do homem, até então não vencida pela ciência, o foco é utilizar uma máquina e programá-la para executar tarefas de várias ordens, copiando, no que for possível, os comportamentos humanos. Desta forma, receberá ela as atividades cognitivas semelhantes às do cérebro humano, que é formado por dois hemisférios bem definidos. Tanto é que, com tal pensamento, foi criado, com especialidade no jogo de xadrez, o computador "Deep Blue", que em 1997 venceu Gary Kasparov, campeão mundial da categoria.

Assim, as novas máquinas passaram a executar tarefas para as quais foram programadas. Com o aperfeiçoamento que lhes confere o homem e com a introdução dos modelos conexio-

nistas, que copiam o funcionamento do cérebro humano, fazendo a interação adequada com vieses cognitivos especializados para realizar determinadas tarefas, podem, muitas vezes, em poucos segundos, resolver problemas que o homem consumiria horas ou dias para solucionar.

Nesta linha de raciocínio, a máquina pode traduzir um difícil e complexo texto que causaria aflição ao mais experiente profissional, porém, não irá compreender o seu significado. De Masi esclarece eticamente: "As máquinas, por mais sofisticadas e inteligentes que sejam, não poderão jamais substituir o homem nas atividades criativas".¹

¹ DE MASI, Domenico. **O ócio criativo** – Entrevista a Maria Serena Palieri-. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 107.



O avanço incansável na área da inteligência artificial, que cada vez amplia mais as interrogações a respeito de suas fronteiras, causa certa inquietação à humanidade. Pelo que se percebe e se anuncia, em pouco tempo, o corpo humano será dotado de sensores para, numa rápida leitura biométrica, fornecer informações a respeito de todos os estímulos, emoções, sensações que passam no interior da pessoa, fazendo revelações até mesmo desconhecidas pelo próprio ser humano. Sem falar ainda dos carros autônomos que transitarão pelas ruas sem a convencional figura do motorista; os drones que riscarão os céus para se incumbirem de entregas de produtos; os robôs que substituirão os serviçais. Sem cogitar, ainda, da criação da memória afetiva para a máquina, que passa a ser programada para uma superinteligência artificial e, a partir daí, poderá disputar espaços com seu criador, destronando-o com facilidade, vindo a assumir o controle do universo.

Faz lembrar a peça do autor checo Karel Tchépek, *A Fábrica de Robôs*, escrita em 1920, em que os robôs criados com a finalidade de executar todas as funções de uma indústria, após

atingirem altíssimo índice de produtividade, revoltaram-se e destruíram o sistema. Com traços humanoides, assumem a linha de frente e extinguem a sociedade que os projetou, considerando-a sem importância.

Como ficariam, então, diante do quadro atual da inteligência artificial e do futuro que se avizinha, a ciência do Direito e seus operadores?

Uma vez que o Direito tem por finalidade estabelecer regras a respeito não só do comportamento social, idealizando-o como um espaço harmônico de convivência, mas também de regulamentar as relações sociais e comerciais entre pessoas e Estado, as novas leis devem ter um escopo mais realista com os dispositivos relacionados com a inteligência artificial para que os operadores do Direito possam desenvolver uma distribuição da justiça mais condizente com a nova era que se apresenta. Não se envolve mais unicamente o ser humano, mas também um sistema. De quem seria, por exemplo, a responsabilidade por um acidente provocado por um carro autônomo, ou por uma conduta inadequada de um robô doméstico?

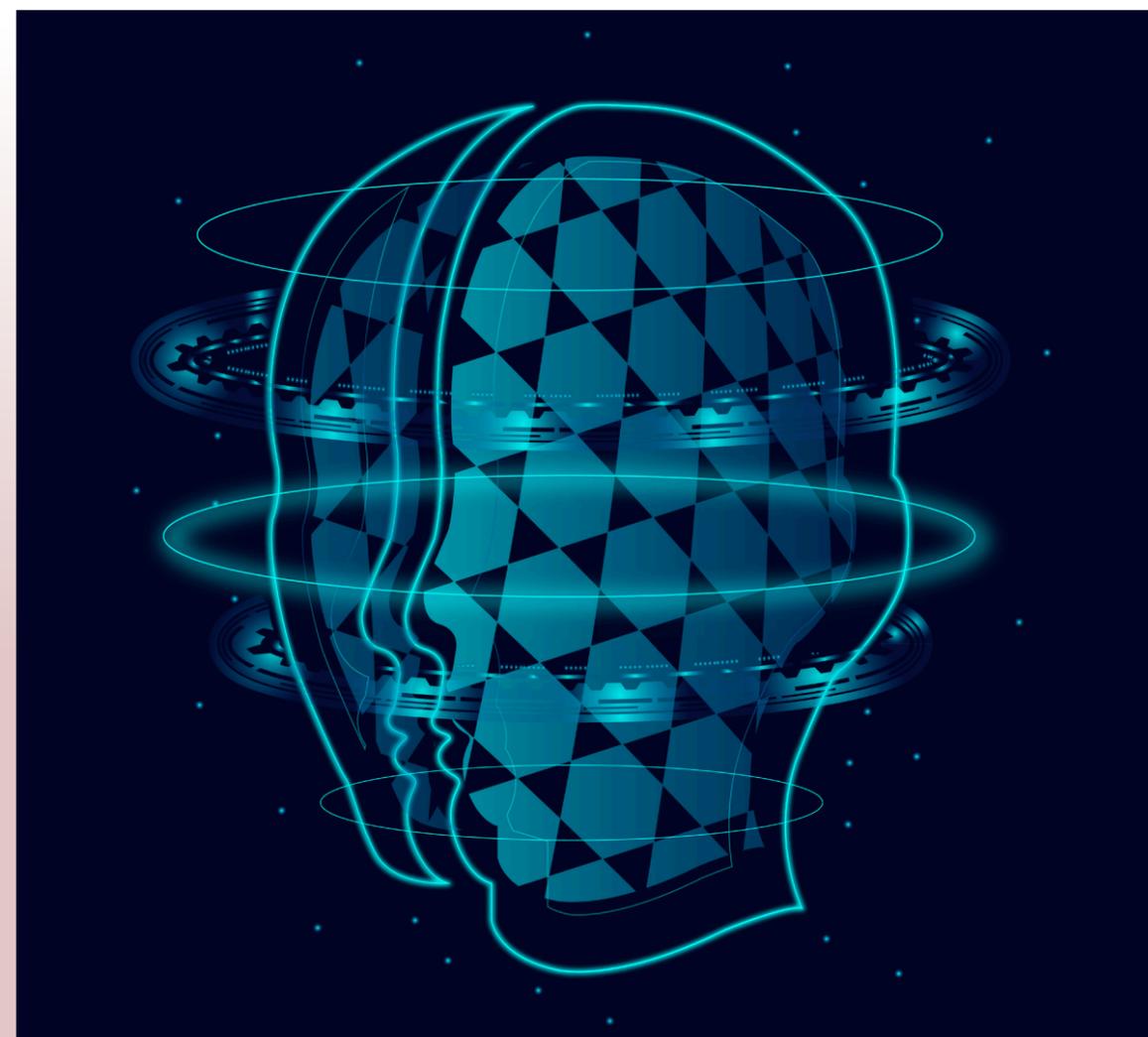
Apesar de a lucubração científica parecer distante, deve-se, desde já, começar a formatar raciocínios jurídicos diferentes e, principalmente, coadjuvados por algoritmos de última geração, visando encontrar uma solução que seja adequada para a correta avaliação do fato novo. É sabido que, no direito convencional, na área criminal, se o advogado alegar determinado fato a favor de seu cliente, cabe a ele o *onus probandi* e, para tanto, incumbe-lhe buscar e eleger as provas que tenham condições de fazer vingar sua pretensão absoluta. Harari, historiador israelense, uma das maiores referências da inteligência artificial, adverte com total razão: “Qual será o destino de todos esses advogados quando algoritmos sofisticados de busca forem capazes de localizar

mais precedentes em um dia do que o faria o ser humano em toda a sua vida, e quando *scanners* de cérebro forem capazes de revelar mentiras e enganações só com o apertar de um botão?”²

Os direitos fundamentais, que hoje são proclamados na Constituição Federal, deverão ser revisados porque, com a nova dimensão da Inteligência Artificial, a nascente tecnologia deverá tutelar os “neurodireitos”, impedindo que a mente humana seja acessada e até mesmo manipulada, acarretando sérias consequências e prejuízos à pessoa.

Os tempos mudam e os homens com eles. O Direito, obrigatoriamente, segue com ambos.

² HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 316.





Crônica

A humildade dos grandes

Pérsio Marconi

Cadeira nº 15

No final da década de 1970, Rio Preto era pródiga em livrarias. Havia inúmeras, por toda a cidade. Uma, em especial, era a preferida dos intelectuais da região. Era a Livraria Giovinazzo, situada onde hoje fica a Loja Riachuelo, na rua Jorge Tibiriçá, bem no centro da cidade. Era pequena, mas muito bem abastecida de todos os tipos de livros e para lá eu me dirigia quase todas as tardes em que não dava aulas.

Nesse período, eu era um aplicado estudante de direito e recebia indicações de livros de meus professores, como o Dr. Generoso C. Otero, Dr. Manoel de Queiróz Pereira Calças e Dr. Paulo Norberto Arruda de Paula, estes dois últimos, meus padrinhos de casamento.

Para esclarecer aqueles mais jovens que talvez estejam se entediando com esta leitura, explico: todas as pesquisas, os estudos mais aprofundados sobre qualquer tema eram feitos em livros, revistas e jornais! Não havia Google! O livro de papel (livro de papel – quem diria que essa expressão um dia deixaria de ser pleonasma!) era o meio seguro de se obter conhecimento e cultura. O proprietário, Ferdinando Giovinazzo, poeta e livreiro, permitia que eu mantivesse uma conta e assim eu fazia pagamentos mensais pelos livros que adquiria semanalmente.

Nos fundos da livraria, havia uma pequena sala, separada por uma grossa cortina vermelha, com dois sofás e algumas poltronas, com uma at-

mosfera circunspecta, quase lúgubre. Nela se reuniam, às quartas-feiras, alguns dos mais proeminentes intelectuais da cidade, como o Prof. Carlos Dahglian, Prof. Alfredo Leme Coelho de Carvalho, Prof. Guillermo de La Cruz Coronado, o próprio Giovinazzo e, mais esporadicamente, o Prof. Alexandre Caballero e o Prof. Eli Buchala. Cada um era um expoente em sua área de atuação.

Nessa época, vindo de temporada de estudos nos Estados Unidos, eu ministrava aulas em duas das mais prestigiadas escolas de inglês da cidade: Cursos Miss Speeden e o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, dirigido pelo Prof. Dahglian. Este sempre me via namorando as prateleiras da livraria e, um belo dia, me fez um convite: “Professor, você, se desejar, pode entrar na saleta da livraria para ouvir nossas conversas. Mas é apenas para ouvir.” Lisonjeado, aceitei na hora! Assim, na quarta-feira seguinte, por volta das três da tarde, lá estava eu, ansioso, sentado entre os mestres, escutando-os atentamente. Discorriam sobre tudo, os mais variados temas e, obviamen-

te, discutiam com propriedade. Em algumas discussões mais polêmicas, o nível era tão alto que eu olhava para meus pés, para me certificar que não estava usando ferraduras neles! Pensava comigo, nossa, tenho tanto a estudar e aprender.

Em uma das ocasiões, durante um debate, subitamente, o Prof. Alfredo disse: “vamos ouvir o que o Prof. Pérsio tem a dizer!” Silêncio sepulcral! Eles queriam que eu, o novato, opinasse! Caprichei no vocabulário e na entonação e discorri sobre o assunto que, felizmente, eu conhecia. Quando terminei, o silêncio se instalou novamente na salinha. E, finalmente, a surpresa – eles aplaudiram! Uma aula de humildade de mentes privilegiadas. Oh, happy day! A partir desse dia, eu sempre era convidado a expor minha opinião nas reuniões. Não demorei a entender que aquele fora o meu rito de passagem para entrar no mundo da busca pela cultura.

Infelizmente, com o passar do tempo, as reuniões foram se tornando escassas e, por fim, deixaram de acontecer. Nenhum deles está mais conosco, mas as memórias ficaram, indelévelis.





Poesia

Elma Eneida Bassan Mendes
Cadeira nº 11

No peito

Nasce no rosa, cresce no pretinho básico, entardece no prata.
Experimenta graduações de tons do amor. Não sem dor.
Escarlate na garra, raça. Sangue que ferve, estrada que serve.
Tece ninhos, vidas, histórias. Projetos de sonhos na aquarela.

Tem estranheza a rebentação de uma mulher.
Tudo nela estoura no peito. A doença, o choro, soluço no leito.
Nuanças femininas, mais que cor, que decor, que de amor.
Mais que fé, que de pé, quem se quer.

Palavra rasgada na trilha. Que às vezes é sem luz.
Além de adiante, de instante, de quadrante. De carregar sua cruz.
Esculpidas, consentidas, moldes de sim e fim. De um Deus que diz: eu que fiz.

In **Mulheres em Cores e Poemas.**



Poearte

Maria Helena Curti
Cadeira nº 10

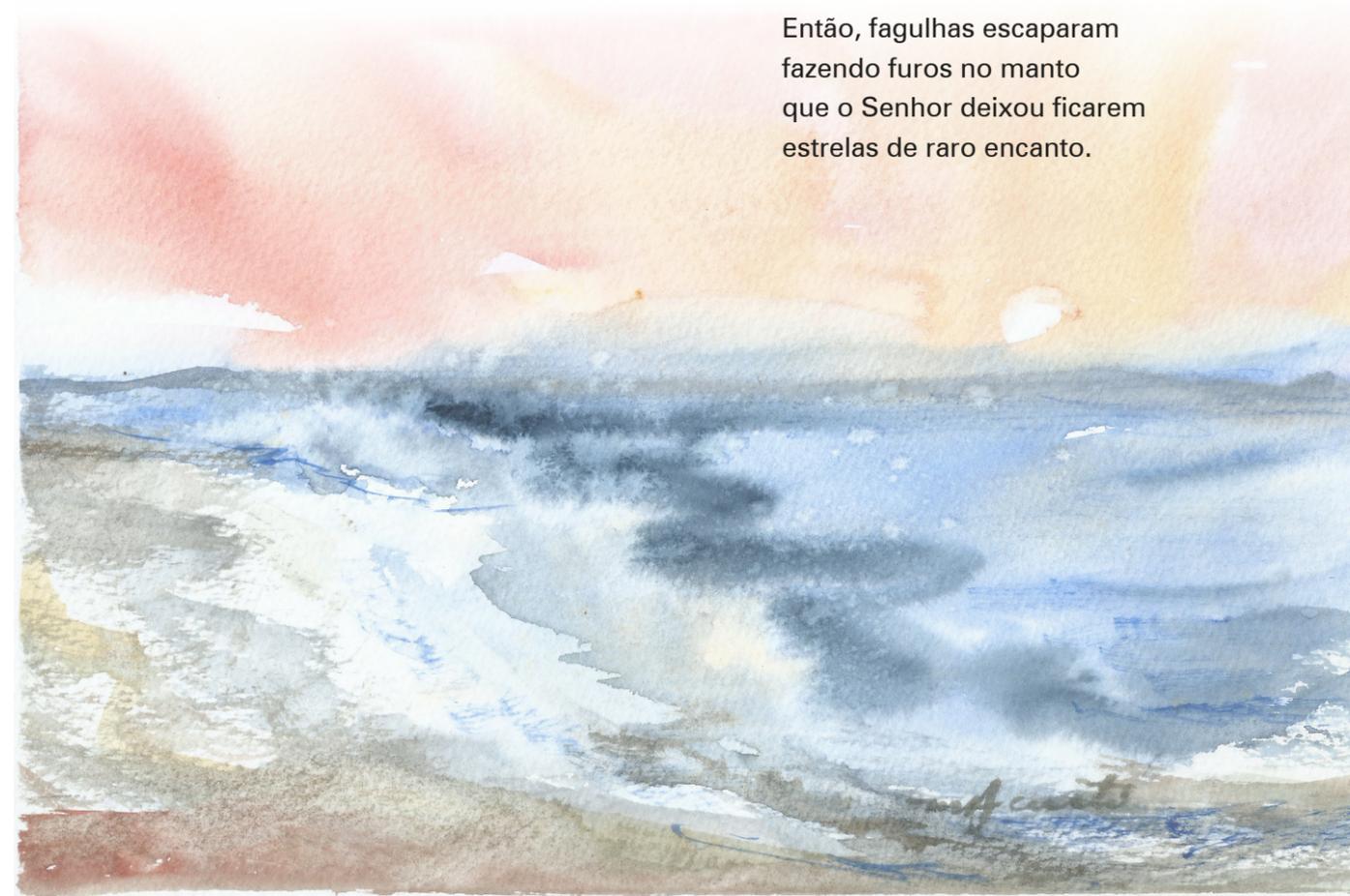
Crepúsculo

O sol, menino travesso
esticando seu reinado,
tacou fogo ao azul do céu
e incendiou o coitado.

O mar, vendo o perigo,
projetou água salgada
e pediu socorro ao Pai
pra vencer essa jornada.

O Pai veio complacente
com as forças da natureza,
jogou o manto da noite
sobre aquela estranheza.

Então, fagulhas escaparam
fazendo furos no manto
que o Senhor deixou ficarem
estrelas de raro encanto.



Literatura

A peste e a esperança na literatura italiana

Rosalie Gallo y Sanches

Cadeira nº 29



Máscar usada durante a peste negra.

Periodicamente o planeta tem enfrentado calamidades cujas causas, das mais diversas, resultam sempre na perda de muitas vidas humanas bem como geram desequilíbrio nas várias espécies dos reinos aqui viventes. Às vezes e infelizmente, uma guerra eclode; outras vezes, um acidente de graves proporções é localizado e outras vezes ainda surgem doenças pandêmicas que dizimam milhões de pessoas.

Artistas de todas as áreas, diante da brutal realidade, expressam para nós, meros espectadores, suas aflições e as visões do presente e do futuro. O passado, retratado, servirá como documento base para o pensamento humano evoluir. Através destas manifestações artísticas o homem

apura seus sentidos e raciocina com maior clareza sobre o comportamento que pretende assumir como ideal para si e para os seus, como acontece nos tempos atuais, com a propagação do coronavírus. Muitas publicações surgiram, porém, a qualidade das produções é bastante discutível.

A literatura mundial e, em especial, a italiana foi pródiga diante da peste negra, a partir dos primeiros casos constatados, em 1374. Sendo o primeiro país infectado pela chegada de um navio genovês chegado da Ásia à Sicília, a peste primeiro atingiu as cidades portuárias da Itália para, em seguida, não poupar quem a enfrentasse por pretensa coragem ou falta de precaução. Claro que a peste atravessou fronteiras e assolou toda



A Peste em Florença / Crédito: Wikimedia Commons

a Europa. E as manifestações artísticas cumpriram bem seu papel.

Representante da burguesia mercantil, Boccaccio (1313-1375) tinha amigos literatos como Petrarca, admirava Ovídio e Dante e respeitava profundamente Virgílio. Por eles deixou o caminho desejado pelo pai e dedicou-se à arte das palavras. Escreveu muito. E retratou a peste em sua obra mais conhecida, o **Decameron**, escrita entre 1348 e 1351. Derivado do genitivo grego (*deca* = dez + *emeron* = dias) e traduzido literalmente “em dez dias”, a obra traz um conjunto de relatos chamado “novelas” contadas dez a cada dia (jornada), uma por cada jovem do grupo de sete moças e três rapazes refugiados no campo

na tentativa de desfrutar o “ar fresco” do campo, como contraponto ao ar empestado de Florença.

Obra plena de simbolismos e de influências oriental, bizantina e francesa, já no prólogo Boccaccio expõe os efeitos da peste, não só materiais mas também psicológicos.

O autor inicia sua Introdução apelando para o sentimento da compaixão (*con* + *passionem* = *sofrimento com*) a quem seja acometido pela aflição (*afflictatio* = dor, tortura, desolação, tormento). A recompensa será a gratidão, virtude celebrada.

A primeira indagação referente à peste é um levantamento de possíveis causas: ira de Deus ou ação de corpos celestes? As manifestações da

doença vinda do Oriente são rápidas e fatais: inchaço nas virilhas e axilas, bubões de tamanhos enormes (como maçãs e ovos), sangue expelido pelo nariz e boca, óbito em três dias a partir dos primeiros sinais. A ineficácia do tratamento era consequência da ignorância de sua origem e da velocíssima transmissão pelo toque pessoal ou até de vestes.

O medo disseminado pela morte que perambulava pelas ruas de Florença estimulou um afastamento acintoso entre as pessoas: primeiro, evitaram de sair; ao saírem, evitavam se encontrar com outras pessoas; por fim, começaram a fugir dos amigos e conhecidos, optando pela falta de contato total com o mundo externo. A peste, entretanto, encontrara seu modo de entrar nas casas e o mundo florentino de subdividiu em duas facções: a que acreditava nas medidas profiláticas e a que delas debochava, gerando-se uma desordem social ímpar. E isto incluiu a subdivisão familiar: *“os pais e as mães evitavam servir seus filhos, como se seus não fossem”*. Também pouco restava aos que permaneciam vivos porque: *“a pouquíssimos foram concedidos o pranto piedoso e as lágrimas amargas...”*. E a insanidade se instalou: *“era comum gracejar e festejar entre amigos”*.¹

Os sepultamentos rápidos, as mortes pelas ruas e as carroças que recolhiam os cadáveres colocados fora de casa para serem jogados em valas somaram cerca de mais de cem mil florentinos abatidos, o que significava alta percentual da população.

Quatro séculos mais tarde Alessandro Manzoni (1785-1873), já no final do século XVIII, surge com um relato similar ambientado em Milão. Filho de família abastada e culta, concluiu seus estudos em Paris, razão de influências sofridas principalmente por Pascal, Bossuet e Massillon. Calvinista pelo casamento e convertido poste-

¹ **Decameron** / Giovanni Boccaccio; tradução de Ivone Benedetti. Porto Alegre: Editora L&PM, 2013.



Um médico de pragas na Roma do século XVII, por volta de 1656.

riormente ao catolicismo, volta a Milão onde morre de meningite, em 1873. Embora tenha escrito durante toda a vida, suas melhores obras, segundo a crítica, se concentram neste período final milanês. É dele o romance **I promessi Sposi (Os noivos)** no qual ele dedicou leves comentários sobre a peste nos capítulos 31, 32 e 33 para depois aprofundá-los no capítulo 34, de onde serão citados excertos².

Romântico por natureza e princípios, Manzoni escreve em dois anos a obra com tons históricos mesclados aos ficcionais.

Sobre a peste e assim como Boccaccio, a crueza sobre a peste aflora na descrição dos fatos. O capítulo começa com uma denúncia dos costumes: *“Renzo ouvira dizer por alto que para entrar na cidade havia severas ordens de não*

² **Os noivos** / Alessandro Manzoni; tradução de Francisco Degani. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2018.

deixar passar ninguém sem boleto de saúde, mas que quem soubesse se virar e aproveitar o momento conseguiria entrar muito bem.” ... “Milão já estava em tal estado que não se via o que adiantava resguardá-la e de quê.” ... “em nenhum lugar sinal de homens vivos; apenas, em certo ponto plano do terreno, via se levantar uma coluna de fumaça escura e densa que subindo abria-se em amplos rolos perdendo-se no ar imóvel e cinzento. Eram roupas, camas e outras mobílias infectadas que estavam sendo queimadas. Essas tristes fogueiras eram continuamente feitas, não só ali, mas em vários pontos dos muros.”.

A descrição continua com a coleta dos corpos *“em sua maioria, nus, alguns mal embrulhados em trapos, amontoados, entrelaçados como um grupo de serpentes que lentamente se desenrolam ao calor da primavera, pois, a cada tropeço, a cada sacudidela, viam-se os funestos montes tremarem e se desconjuntarem horrivelmente...”*, visão a que Renzo, personagem masculina central, vai somando horror sobre horror, como

se vê no seguinte trecho: *“Trapos por todos os lados e, mais repelentes do que os trapos, faixas enodoadas, palha infectada, ou lençóis jogados pelas janelas. De vez em quando, corpos de pessoas mortas de repente na rua e deixados ali até que passasse a carroça para levá-los embora, ou caídos das próprias carroças, ou também jogados pelas janelas de tanto que a insistência e perseverança do desastre havia tornado os ânimos selvagens e feito esquecer qualquer piedade, qualquer consideração social!”* O desespero e a angústia corroíam sua alma ainda enamorada de Lúcia e estava decidido a encontrar a amada. Diz Manzoni, narrador: *“Mas vocês não podem imaginar como essa operação era penosa, não tanto pela dificuldade da coisa em si, quanto por uma nova perturbação que lhe surgira no espírito.”* Era o medo instalado de ser verdade que Lúcia estivesse morta, anonimamente morta.

À desolação instalada, a angústia do incerto. E então, um alento com hora arcada: *“Ao amanhecer, ao meio dia, à noite, um sino da catedral dava*



A peste negra.



O Triunfo da Morte. obra de Pieter Bruegel, o Velho (1526/1530-1569).

o sinal para recitar as preces designadas pelo arcebispo, àquele toque respondiam os sinos das outras igrejas, e então viam-se pessoas assomarem às janelas para rezarem juntas; ouvia-se um murmúrio de vozes e gemidos, que inspirava uma tristeza mista de algum conforto.”

É chegado o momento ideal para lembrarmos de Dante (1265-1321) e do **Paraíso** por ele descrito em **A Divina Comédia**, paraíso este criado para si e Beatriz. Dante tinha facetas conflitantes: de personalidade mística, própria do homem medieval que era, tinha um lado espiritual altamente desenvolvido. Uma outra faceta, contudo, apresenta seu envolvimento político de crente no Sagrado Império Romano e na Itália como o jardim de tal Império.

A obra, como um todo, pode ser considerada como uma derivação de toda a literatura de

além-túmulo, muito difundida na Idade Média. No Canto XXV do **Paraíso**, depois da difícil travessia pelo **Inferno** e pelo **Purgatório** (lembremo-nos que está documentada a inversão da criação destes três livros, ligados ou não ao período de exílio) e guiado por Virgílio, o tutor escolhido para sua viagem, eis que nos deparamos com Dante, agora acompanhado pela amada Beatriz, propositalmente escolhida para fazê-lo adentrar o céu em termos cristãos. Virgílio não poderia fazê-lo por não ser cristão, ainda que houvesse previsto a vinda do Cristo a anunciar uma nova vida na Terra.

O desejo de Dante é múltiplo: ascender ao céu; estar finalmente ao lado de Beatriz; ser novamente aceito em sua Florença e, por fim, na Igreja onde fora batizado, receber o laurel de Poeta. Desejo e esperança se amalgamam, neste canto, transcendendo o real e trazendo ao homem a pu-

reza do sentimento de esperar em Deus, como se pode verificar no trecho da resposta de Dante a São Tiago sobre o que é e como lhe floresce a Esperança:

67 “ – *Esperança*”, disse eu, “é a fé no advento da salvação futura, à qual conduz a eterna graça e o merecimento.

70 De estrelas muitas veio-me esta luz,
Mas do sumo cantor do sumo Guia
Foi a primeira que em meu peito eu pus.”³

Não por acaso é a São Tiago, o apóstolo da Esperança, que Dante responde, com maestria e sinceridade, no verso 64, “*Como responde ao mestre o escolar*”.

A lembrança de Dante nos chegou, nesta incursão, pela necessidade de apoio em crer no futuro. Em encarar a esperança como a certeza de um futuro melhor.

Diz a História que ciclicamente uma calamidade se manifesta na Terra. Vez ou outra a huma-

nidade se depara com dificuldades de tal porte que, se não assola todo o planeta, dificulta em muito a sobrevivência em regiões nas quais tais calamidades são desencadeadas.

A peste negra veio da Ásia e se instalou na Europa, tendo permanecido no planeta por séculos. Muitas outras calamidades se comportaram da mesma forma. Atualmente temos o coronavírus a assombrar nossas vidas. Quais as razões de cada ciclo tão desastroso? Ainda não sabemos. Diante de cada evento o homem, animal tido como superior no planeta, deve aprender algo, além de lidar com tal dificuldade para que seja enfim superada, vencida, subjugada.

A vitória sobre a dificuldade traz novo ânimo ao ser humano, impulsionando-o com a esperança, esse sentimento de certeza no futuro, como disse Dante.

Como uma advertência final comum em filmes americanos, concluímos estas breves reflexões com a frase: “Qualquer semelhança não é mera coincidência.”.

³ **A divina comédia**: paraíso / Dante Alighieri; tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.



A cidade de Tournai enterra as vítimas da Peste Negra. Miniatura de Pierart dou Tielt ilustrando uma obra de Gilles li Muisit (Tournai, c. 1353).



Crônica

Terreno santo de batalhas sem glórias

Elma Eneida Bassan Mendes

Cadeira nº 11

Relicário sagrado. Complexo, alta voltagem. Mistério inescrutável. Carne, pedra, sangue, poder. Pau pra toda obra. Curador. Milagreiro. À prova de pancada, tombo, queda, choque. Para-raios. Faz chover. Tremer. Estrondo que envergonha o trovão. O que de humano mais encosta no divino. Bravo, febril, eloquente. Insano. Nada mais doido nessa vida que coração de mãe. Pensa numa coisa louca. Do bem, da paz, da guerra. Afago, afeto, acolhida, oceano, imensidão. É sobre coração de mãe que vou me derreter agora. Não o coração de toda mãe. Vou me encontrar aqui com um coração singular, único, rasgado, sangrado. Tentar entender o coração da mãe de um preso. De filho preso. Aprisionado em qualquer cilada, laço, corrente, cela. Cadeias, vícios tantos, quartos escuros da depressão ou perturbados da mente. Álcool, drogas, compulsões mil.

Será possível penetrar, sondar, rastrear o caminho de tão sofrido coração? Qual é o lastro da dor de um coração assim? Lição, fé, razão, emoção, amor de prantos? Resistência, paciência, paixão, cegueira, compaixão? Não dá pra saber. Cada vivência dessas é trama exclusiva, inédita e tecida no amargo de um amor, já disse, insano. É mãe que anoitece e amanhece sem respiro, em pânico, como se fora o próprio filho em busca de ar puro e espaço na noite pesada, oblíqua dentro da cela. É mãe que aperta a cria contra o peito depois da crise. Desvario, abstinência, overdose,

dardo ilusório, vertigem e outros grilhões que ferem, punem, dilaceram corpo, mutilam mente, alma, razão e, o pobre coração.

É mãe que trilha na mágoa e na indignação do mal que o rebento causou. Mescla de amor dilacerado, vergonha, decepção e perversa tristeza. Chão que se abre, castelo de areia, mundo acabado. Ferida aberta, exposta, carne viva. É mãe que se afunda na culpa, lama escura do remorso, movediça de incerteza e, ainda pior, do lamento de não saber, nem dimensionar se o que fez pelo filho foi bom, correto, justo, suficiente. Dúvidas implacáveis, torturas cruéis. É mãe de mãos em prece, a espera de cura, solução, colheita, rendição. Joelhos no chão, súplica por calma, paz e guarida. Refém da felicidade encolhida, nascente de lágrimas, suspiro profundo. Garganta seca, peito apertado, vida suspensa pelo resgate do filho. Tanto não daria para vê-lo livre, leve, desvencilhado de paredes, trancas, transe, algemas, ataques, delírios. Desceria ao inferno, enfrentaria demônios, subiria ao céu, clamaria aos anjos. Muitas oram, rezam, tremem. Outras se oferecem em sacrifícios, promessas, castigos sobre si mesmas. E todas, até a do mais desesperançado coração, esperam, anseiam, não desistem de tentar uma nova saída, mais um apelo, uma próxima prece. E Deus as observa com esmero especial, ternura em dobro e fé sem peias.

Terreno santo de batalhas sem glórias. Coração de mãe de filho preso é assim.

Crônica

Em uma época longínqua, lá por volta de 1994, o brasileiro ainda não estava ciente das falcatruas milionárias que nossa entidade representativa do futebol praticava. A até então gloriosa CBF reinava impune, juntamente com a entidade internacional, a FIFA que, soubemos depois, também dava suas pedaladas criminosas.

A 15ª. Copa do Mundo de Futebol teve lugar nos Estados Unidos, com jogos nas principais cidades, estabelecendo recordes de público até hoje não igualados. Coube ao Brasil, na primeira fase, mandar seus jogos no *Stanford Stadium*, com capacidade de mais de 80 mil lugares, na região de San Francisco, Califórnia. A equipe brasileira, a primeira a se sagrar tetracampeã, ficava hospedada e fazia seus treinos na cidade de Palo Alto, com cerca de 60 mil habitantes na época. Palo Alto é a cidade onde fica a prestigiada e famosa *Stanford University*, pólo de pesquisa e de excelência em ensino, de onde saíram vários ganhadores do Prêmio Nobel.

Os restaurantes universitários de Stanford na época tinham um padrão de qualidade tão alto que, à noite, abriam as portas para o público em geral, durante a Copa do Mundo.

Assim, uma noite fomos jantar em um deles e, ao entrarmos, já deparamos com uma atmosfera absolutamente calma, com iluminação indireta, clientes elegantemente vestidos, apesar no clima quente de verão, *maitre* e garçons solícitos e corteses.

Subitamente, surge na entrada, barulhento, um grupo de adolescentes brasileiros, quebrando

a tranquilidade do lugar. Soube depois, que eram de Maceió e estavam lá para assistir aos jogos da Copa. O comportamento deles incomodou-me a ponto de, em certo momento, eu me dirigir à mesa deles, apesar dos protestos de minha esposa.

Educador há décadas, apelei para o lado ufanista deles, na esperança de que eles cesassem os atos de quase selvageria dentro do restaurante. Disse-lhes, em tom austero: “Vocês não veem o que estão fazendo, com esse comportamento? A esta altura, todos os presentes aqui no restaurante estão pensando que no Brasil, nós nos comportamos assim!” Um deles me disse, um pouco envergonhado: “Desculpe, tio (odiei isso!). Nós vamos nos redimir, não se preocupe.”

Voltei resmungando à minha mesa, imaginando como é que eles fariam para reverter a má impressão causada. Vimos, estupefatos, após algum tempo, os meninos pedindo a conta, pagando e dirigindo-se ao centro do restaurante, onde se abraçaram, formando um círculo. “Nossa”, pensei comigo. “Agora eles vão destruir o salão!”

Então, para minha surpresa, eles gritaram em conjunto, a plenos pulmões: “ARGENTINA! ARGENTINA!”. E saíram, triunfantes e barulhentos.

Desatei a rir, incontrolavelmente, até que percebi que somente eu ria, porque ninguém mais sabia que eles eram brasileiros. Todos no restaurante me olhavam como se eu fora o maluco! Bronca da esposa, obviamente...



É tetra, é tetra!

Pérsio Marconi

Cadeira nº 15

Artigo

Nós, da geração Baby Boomer

Loreni Fernandes Gutierrez

Cadeira nº 19

“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino”. Coríntios 13, 11.

Nós, da geração Baby Boomer (“explosão de bebês”, em inglês e fenômeno ocorrido nos USA no final da segunda guerra quando os soldados, que retornavam, geravam filhos num mesmo tempo), estarrecidos com a expansão demográfica e olhando para trás, no longo caminho que percorremos e distantes já do menino que fomos e tentando nos conhecer, agora, como somos conhecidos, frequentemente nos quedamos sobre nós e sobre os fenômenos naturais que nos circundam. Oriundos da década de quarenta a sessenta, tínhamos um padrão de vida estável, éramos adeptos da qualidade e não da quantidade, sabíamos o que queríamos, não nos influenciávamos por terceiros e tampouco nos preocupávamos com a mídia (apesar de velha, pois ela chegou aqui com a vinda da família real, em 1808). Vitoriosos somos por ter podido participar mais atentamente dos projetos de nossos filhos, denominados hoje de geração “X”. Rebeldes para os padrões até então estabelecidos, romperam com as regras e valores passados e, preocupados em fazer carreira, lutaram por seus direitos e preferências em busca de liberdade, mas sem abandonar a convivência em grupo e adeptos, ainda, como nós, da qualidade e não da quantidade. As diretas já e o fim da ditadura militar, no Brasil, foram vivenciados por esta geração. Os

“Ys”, que nasceram dos “Xs” e, portanto, nossos netos, conhecidos também como Geração Millennials, por nascerem próximos da mudança de milênio, tornaram-se caçadores de tecnologias, sempre conectados e preferindo computadores a livros e sempre confortáveis em redes sociais. Cosmopolitas virtuais eles visitam, num mesmo instante, mundos e culturas diferentes. São otimistas, preocupados com o meio ambiente e com as causas sociais, além do hábito de fazer muitas tarefas ao mesmo tempo. Na proximidade de 2.000 até 2010, enquadra-se uma outra geração: a “Z”, extremamente parecida com a “Y”. Os “Zs” são os que possuem, de forma natural, a internet, pois quando começaram a escrever ela já existia. Os primeiros integrantes desta geração já são adultos e nunca viram o mundo sem a presença de computadores, tablets e celulares. Não acreditam, como seus antecessores, que exercerão uma função pela vida toda. Além da ansiedade, agrega-se ainda, a esta geração antenada, o senso de responsabilidade social, a inovação, a preocupação com o meio ambiente, a sustentabilidade e, também, o uso dos smartphones. Mas há o imediatismo, também. Crianças nascidas depois de dois mil e dez, a Nova Geração ou Geração Alpha, são 100% digital. Tiveram como marco o lançamento do Ipad, em 2010. A



partir de então os pequenos se interagem com o mundo através da tecnologia e com ela se sentem extremamente confortáveis. Filhos da geração Millennial, nasceram de pais menos jovens e em geral em famílias com apenas um filho. Com a rotina corrida, esses Alphas inventam, interagem e vivem conectados. São crianças atentas e observadoras. Afinal, estão inseridas em ambientes com estímulos constantes. Com tecnologia avançada, telas múltiplas e 100% de conexão, esta geração é estimulada com interativos sonoros e visuais em qualquer lugar e a todo momento. Eles são nativos digitais. Por mais de uma vez desci no elevador com um lourinho de não mais

que dois anos e meio teclando com naturalidade o seu Ipad, sob os olhos orgulhosos de seu pai. Não sei dizer se ele jogava, navegava ou tirava uma foto do tênis incomum de seu progenitor, pois, oriunda da geração Baby Boomer, permito-me este desacesso. A verdade é que, para as novas gerações, não existem fronteiras geográficas, uma vez que a tecnologia lhes permite até se tornar cidadãos de outras pátrias. Não é fácil para os Baby Boomer acompanhar mudanças rápidas e inimagináveis!!! Mas, entendê-las? Penso que isto seja possível. Peçamos, pois, ao Senhor, que nos ensine a contar os nossos dias para que alcancemos sabedoria.

Artigo

Reflexões Nietzschenianas

Wilson Daher
Cadeira nº 09



No dia em que digito esse trabalho, fim de um março chuvoso em uma tarde de sábado, com certeza vivemos tempos sombrios gerados pela pandemia. Na esperança, talvez, de que mais adiante, lido por um raro leitor, o caos tenha amainado sua fúria nos dando alguma luz para clarear melhor nosso caminho.

Mas até por isso pensei que, se não fabricamos o vírus, temos que ajudar a “desfabricá-lo” e a única forma que acho para isso é a de tentar o fortalecimento interno por meio de atitudes pensadas e sentidas, que possam dar um novo rumo à nossa caminhada em meio à tragédia que zombou do mundo.

Senti-me refletindo sobre isso, levado pela solidão não consentida, esta solidão que nos põe a sós com nosso próprio íntimo, revendo fatos e pessoas a quem devemos muitas revisões de atitudes. Pensei, então, no ressentimento. Pensei nesta força reativa que impede a criação das coisas lúcidas que nos levam ao encontro de uma maior serenidade na relação com o outro, o outro que achamos que seja o nosso inferno, quando na verdade em nós mesmos é que habita a erva daninha do ressentimento.

Eu havia falado, antes, sobre o ressentimento como uma poderosa força reativa dentro de nós. É então que me vem o pensamento de Nietzsche,



em uma interpretação genial sobre o que ele chamou de forças ativas e reativas, em permanente luta nos puxando de um para outro lado, até que possamos atingir um equilíbrio entre elas. Sob meu ponto de vista, esta interpretação de tais forças foi uma antevisão daquilo que mais tarde Freud chamaria de forças do Superego e do Id, em permanente luta para atingirem ou não a síntese aceitável do Eu (Ego).

Forças ativas são nossas forças interiores que podem criar, recriar, fazerem desabrochar para a vida tudo aquilo de que mais gostamos, que seriam interpretadas como uma necessidade imperiosa de deixarmos de ser aquilo que não somos, apenas para ficarmos no aconchego e proteção do rebanho a que pertencemos e onde nos sentimos seguros. De realizarmos desejos nunca realizados, em vista da censura do sistema de qualquer natureza.

Seria a vida em expansão, mas então nos deparamos com as forças reativas que impedem este desabrochar para o futuro, que nos mostram como seria difícil sentir a incompreensão e estar à margem, como seria mais seguro não contestar o sistema e adequar-se a ele para nos-

sa comodidade. Ficamos, então, sempre voltados para o passado, de costas para o futuro.

Quando falei em ressentimento, falava justamente de estar preso às amarras do passado, ressentindo algo que não passa, seja o perdão, seja a aceitação, seja o esquecimento. Ele é uma forte amostra destas forças reativas que impedem a caminhada, nos deixando enredados na teia da inútil mágoa que aprisiona.

A não compreensão destas forças é uma causa importante para que não nos conheçamos de forma melhor.

Nestes tempos de pandemia, em que naturalmente aumentam nosso tédio, nossa raiva e nossa solidão por estarmos distantes do que vivíamos antes, penso que seria uma boa coisa nos refazermos de velhas e desgastadas atitudes. A situação caótica em que vivemos vai passar e, quando passar, espero que passemos também com um melhor uso de nossas forças ativas, que nunca deixarão de existir, mas que terão sempre pela frente a censura das forças reativas. Mas a gente chega lá, pois como disse o próprio Nietzsche, “é preciso que haja o Caos para enxergarmos melhor as estrelas”.

Artigo

Grandes sucessos da Literatura Internacional

Cleber Junio Falquete

Cadeira nº 13



De meados dos anos 1970 até o final dos anos 1990, muitas editoras no Brasil publicavam coleções literárias a baixo custo (o popular papel jornal de pouca gramatura) e distribuíam os milhares de exemplares nas bancas de revistas de todo o país. rioGráfica, Ediouro, Nova Cultural, Abril Cultural, Record, Globo, Altaya, Monterrey, Newton Compton, Cedibra, apenas para citar algumas, disputavam o dinheiro e a atenção dos leitores lançando coleções de quase todo tipo de literatura ou sublitteratura: desde títulos clássicos da literatura brasileira e estrangeira até os famigerados best-sellers, dos livrinhos de bolso de faroeste viril e espionagem sexy aos romances de mocinha Sabrina e Júlia, passando pelos mirabolantes romances policiais, pelas imaginativas sagas de ficções-científicas e outros gêneros

ou subgêneros de qualidade questionável.

Grandes Sucessos da Literatura Internacional foi uma das poucas coleções a alcançar uma rara combinação de qualidade literária inquestionável com edição refinada. Publicada pela hoje extinta editora rioGráfica, do Rio de Janeiro, entre os anos de 1986 e 1987, a coleção tem trinta livros e vinte e nove títulos. O esmero da coleção não estava restrito apenas a escolha das obras: desde o formato charmoso e agradável (12,5 x 19) até a concepção artística da capa (todas as capas e as quartas capas foram ilustradas a bico de pena pelo grande artista plástico Ênio Squeff), passando pelo apuro das traduções (nomes consagrados como o do poeta Ivan Junqueira, Lya Luft, Sérgio Milliet, Ivo Barroso, Aurora Fornoni Bernardini, Fernando Py, Mário Quintana, etc) e

finalizando com a distribuição em cada livro de um marcador-teaser de página, que indicava o próximo título. A coleção hoje é uma relíquia caçada por colecionadores amantes do feliz casa-

mento entre boa literatura e edição primorosa.

A coleção completa tem os seguintes títulos, por ordem cronológica e numérica de publicação:



1986

01. **A insustentável leveza do ser** – Milan Kundera
02. **A obra em negro** – Marguerite Yourcenar
03. **O amante** – Marguerite Duras
04. **A convidada** – Simone de Beauvoir
05. **Diário de um ladrão** – Jean Genet
06. **Os machões não dançam** – Norman Mailer
07. **A rua das ilusões perdidas** – John Steinbeck
08. **O jovem Torless** – Robert Musil
09. **1934** – Alberto Moravia
10. **Os frutos da terra** – André Gide
11. **O labirinto negro** – Lawrence Durrell
12. **O deserto dos tártaros** – Dino Buzzati
13. **Os prazeres e os dias** – Marcel Proust
14. **Passeio ao farol** – Virgínia Woolf
15. **Senilidade** – Italo Svevo

1987

16. **O jardim dos Finzi-Contini** – Giorgio Bassani
17. **Platero e eu** – Juan Ramón Jiménez
18. **O tambor** – Volume 1 – Günter Grass
19. **O tambor** – Volume 2 – Günter Grass
20. **Voo noturno** – Antoine de Saint-Exupéry
21. **Um parceiro desconhecido** – Jerzy Kosinski
22. **Adrienne Mesurat** – Julien Green
23. **O condenado** – Graham Greene
24. **O pecado de Liza** – W. Somerset Maugham
25. **Diário de um homem traído** – Pierre Drieu La Rochelle
26. **A algaravia** – Jorge Semprun
27. **O primo Basílio** – Eça de Queiroz
28. **Thomas, o impostor** – Jean Cocteau
29. **Carolina** – Theodore Dreiser
30. **A fonte** – Charles Morgan

É possível montar a coleção toda garimpando exemplares avulsos em sebos físicos e virtuais. Para saciar um pouco a curiosidade, algumas capas podem ser apreciadas no site do próprio ilustrador, <https://eniosqueff.com/ilustracoes/grandes-sucessos-da-literatura-internacional-com-capas-ilustradas-por-enio-squeff/>.

Artigo

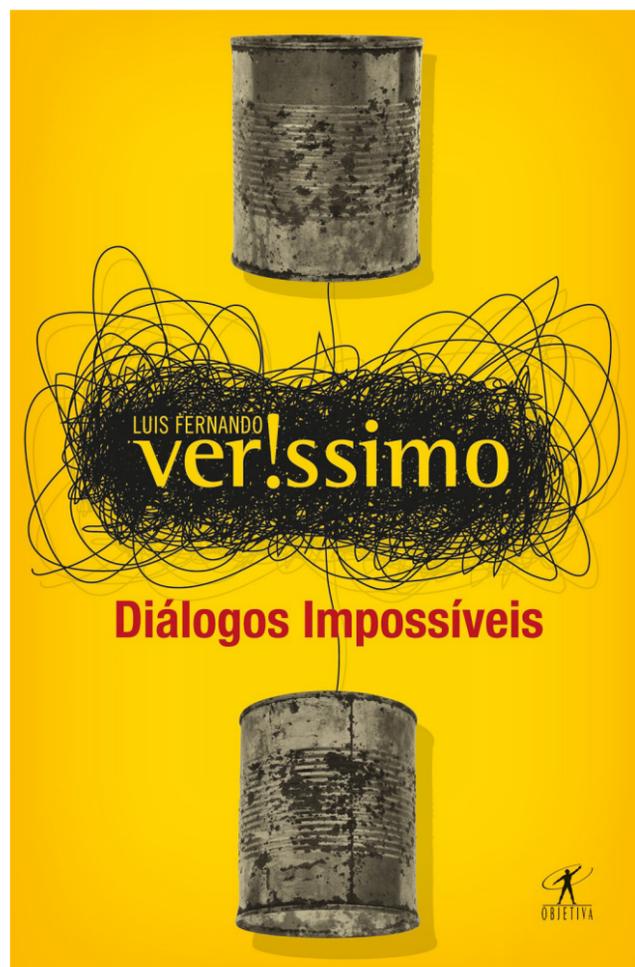
Diálogos impossíveis?

Patrícia Reis Buzzini

Cadeira n° 2

A necessidade de comunicação é inata ao ser humano. Sabe-se que, desde períodos mais remotos, foram evidenciados inúmeros relatos acerca desse tema. Nos Diálogos de Platão (428-7 – 348 a.C), Crátilo é referência para o desenvolvimento do raciocínio moderno acerca da essência da linguagem, ajudando a aperfeiçoar abordagens da linguística contemporânea. Por sua vez, as contribuições do linguista Ferdinand de Saussure (1916), ao identificar a língua como um fato social e a fala como individual, foram essenciais para uma série de estudos posteriores. Antecipando a linguística moderna, Bakhtin descartou a concepção estruturalista de língua como sistema abstrato de regras, e estabeleceu que a substância da língua é constituída pelo fenômeno social de interação verbal. Mais recentemente, pesquisadores chegaram à conclusão de que falar ou escrever, ler ou ouvir em qualquer língua significa produzir sentido a partir da história de cada um, das vozes (experiências, reflexões, leituras, valores, crenças, etc.) que, pouco a pouco, vão constituindo e alterando a subjetividade.

Em razão da pandemia de coronavírus, o crescente uso de ferramentas tecnológicas no âmbito escolar, corporativo e familiar tem suscitado novos (e antigos) dilemas referentes à função da linguagem. *Fakenews*. Intolerância. As chamadas “bolhas ideológicas”. Enunciados que se apoiam na tentativa de excluir discursos contrários (numa espécie de argumentação binária), mais preocupados com a manutenção de poder do que com



a troca efetiva de ideias. Entre outras tragédias. Em *Leviatã* (1651), o filósofo inglês Thomas Hobbes já explicava que o ódio se manifesta quando o medo está latente e que o homem tende a entrar em atrito com os outros indivíduos por sua natureza idiossincrática, utilitarista e competitiva. No livro *Raízes do Brasil* (1936), o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1936) observa

que a cordialidade do brasileiro – ao contrário do povo japonês, entre os quais a polidez é parte intrínseca do processo civilizacional – encontra-se apenas na coletividade, na necessidade de apropriação afetiva do outro, sendo, portanto, um ardil psicológico e comportamental. Para o psicanalista Jacques Lacan (1998), pulsões recalçadas no inconsciente brigam para romper filtros sociais que as contingenciam, e, por sua vez, as redes sociais parecem ter assumido muito bem esse papel “desvelador” de chistes, lapsos e atos falhos, na melhor das hipóteses.

Nesse contexto marcado por incomunicabilidades, aproveito para retomar a leitura de *Diálogos Impossíveis* (2012), de Luis Fernando Veríssimo, e compartilhar uma entrevista que tive a honra de realizar com o autor, há alguns anos, para a minha coluna de literatura e cultura no jornal Diário da Região.

Filho do renomado escritor Erico Veríssimo e um dos cronistas brasileiros mais respeitados, Luis Fernando Veríssimo já foi músico, redator publicitário, revisor de textos, tradutor e colunista. Vencedor do Prêmio Jabuti em 2013, na categoria Melhor Livro do Ano de Ficção, *Diálogos Impossíveis* reúne uma seleção de crônicas do autor – publicadas nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Zero Hora* – que se caracterizam por momentos hilariantes em que o ser humano exerce sua vocação para a confusão. Entre eles: Robespierre tentando subornar o seu carrasco. Albert Einstein explicando a sua primeira esposa que deseja pedir o divórcio. Don Juan focado em seduzir a Morte. Entre outras situações. Na conversa entre Drácula e Batman, por exemplo, observa-se também o lado cômico das tragédias existenciais humanas e uma crítica subliminar ao problema da impunidade:

– E veja a ironia, Batman. O Morcego Bom passa [referindo-se ao Batman, que estava muito doente, no final da vida], o Morcego

Mau fica [referindo-se a sua imortalidade]. Um não quer morrer e morre, o outro quer morrer e não morre. Ou talvez não seja uma ironia, seja uma metáfora para o mundo. O Bem acaba sem recompensa e o único castigo do Mal é nunca acabar. (A diferença, p. 11)

Além disso, algumas crônicas abarcam questões referentes à história, religião e filosofia, misturando ficção e realidade, como ocorre em “Reféns da palavra”, na qual somos lembrados de que nem Sócrates nem Jesus sabiam escrever, mas nem por isso deixaram de exprimir suas opiniões:

Durante muito tempo, os gregos desconfiaram da palavra escrita como a linguagem cifrada de um mundo obscuro que só leva à danação, diferentemente do que se aprende ‘de cor’, ou com a linguagem do coração. Homero, o inventor da literatura ocidental, era maior porque também nunca escrevera nada e suas estrofes inaugurais tinham sido transmitidas oralmente, de coração em coração. Mas isso pode ser outro mito. ‘Omeros’ em grego, descobri agora, quer dizer refém. Homero, como o primeiro escritor do nosso mundo, seria o primeiro prisioneiro da maldita palavra grafada. (Reféns da palavra, p. 58)

Também merece destaque a crônica em que Albert Speer (ministro de Armamentos de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial), no cárcere, conta para as flores de um jardim quais eram as suas intenções para a Europa:

– Nós tínhamos um plano. Um pouco como o meu plano para este jardim. Era isso: nosso plano era que a Europa fosse um jardim como este. Um jardim organizado. Livre da erva daninha do bolchevismo. Adubado com o sangue honrado dos seus mártires e o esterco



dos seus inimigos naturais. Podado das raças desnecessárias que ofuscavam sua beleza e atrasavam sua glória. O nosso era um projeto estético. Não foi entendido. (Albert Speer fala com as flores, p. 81)

Na crônica “Perdedor, vencedor”, que retrata o diálogo entre o tenista perdedor e o vencedor no vestiário, após uma partida concorrida, Verissimo abusa da ironia para discorrer sobre desigualdade social e o papel da meritocracia:

Não é o equipamento que ganha o jogo. É a pessoa. É a aplicação, a vontade de vencer, a atitude. E você não tem atitude de vencedor. Prefere atribuir sua derrota à minha raquete, aos meus tênis, ao meu físico, a tudo menos a

você mesmo. Se parasse de admirar tudo que é meu e mudasse de atitude, você também poderia ser um vencedor, apesar dessa barriga. O perdedor ficou em silêncio por alguns segundos, depois disse:
– Também, com essa linha de raciocínio...
(Perdedor, vencedor, p. 110)

Cientes dos presentes desafios da comunicação humana, verbal ou não verbal, mediada ou não por equipamentos eletrônicos, poderíamos afirmar que somos os únicos responsáveis pelas nossas atitudes e palavras, como acreditavam os filósofos existencialistas? Será possível encontrar alguma forma de comunicação exata e inequívoca? Enfim, a leitura de **Diálogos impossíveis** pode nos ajudar a encontrar algumas respostas. Ou não.



Artigo

Entre 3 e 4 bilhões de anos atrás (seguramente mais de 3), após o resfriamento do jovem planeta Terra, nas águas oceânicas primaveris, uma verdadeira sopa de ácidos aminados, uma interessante “amizade” começava se formar entre esses componentes proteicos, cuja origem terrestre é ainda discutível, mas que provavelmente viajaram pelo espaço cósmico a bordo de cometas, aqui chegando. Da ligação de uns com outros, foram se formando moléculas cada vez mais complexas, chegando ao ponto de adquirirem características extraordinárias, até então não registradas em nosso Planeta. Estruturas moleculares estáveis, imersas nesta sopa primaveril, mas individualizadas por membranas permeáveis ou semipermeáveis, que permitiam a entrada de elementos necessários à sua manutenção e a saída de elementos agora desnecessários, auto replicação, transmissão de caracteres (herança), acabaram por confluir em verdadeiras organelas e, em seguida, em proto-células (procariontes) e, daí, em verdadeiras células (eucariontes). E, com as células, a vida.

Uma verdadeira maravilha estava se operando no planeta Terra, naqueles longínquos tempos. Surgem os primeiros seres vivos. E o fazem num ambiente já especial, a água. Elemento único na Terra, a água, na forma líquida em condições normais de pressão e temperatura, não é conhecida em nenhum outro local do Sistema Solar, nessas condições. Vida, fenômeno notável; água, elemento mais que especial.



Acho que foi assim

Samir Felício Barcha

Cadeira nº 5

Uma associação extraordinária que nunca mais se desfez ao longo desses 4,5 bilhões de anos de história da Terra.

Até parece coisa divina, se é que não é!

Hoje, vida e água associadas, nos parecem algo normal e corriqueiro. Poucos têm a compreensão verdadeira dessa união. Por isso, o tratamento dado à água chega às vias do absurdo. Agressões na forma de poluição, de consumo predatório que hoje o homem executa, são comuns no mundo inteiro, transformando o bem – água potável – cada vez menos abundante, muito raro até em certas regiões.

Agredir a água é atentar contra a própria vida. Poluir a água é assacar contra a saúde dos seres vivos, é inocular à vida doenças e morte. Da mesma forma, privar muitos desse valioso bem, e privilegiar outros poucos com o seu domínio, tem sido a causa de graves impactos sociais e ecológicos. Como afirma o Papa Francisco em sua Encíclica “Laudato Si”, a água “é um bem comum, um bem de todos e para todos. Na realidade, o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial”.

Vida e água, na visão cristã, são realmente coisas divinas.

Após retirar o povo hebreu dos domínios do Faraó, no Egito, Moisés o conduziu pelo deserto durante uns 40 anos, conforme relato das Sagradas Escrituras. Quarenta anos, um longo tempo de privações, de enormes sacrifícios, como deve ser a vida de milhares de pessoas vagando por



um inóspito areal. Acredito que todos os dias Moisés recebia queixas, as mais diversas: relacionamento pessoal, furtos, ciúmes, fome e mesmo sede. Os episódios do maná e das aves bem o dizem. Somente uma fé inabalável de um verdadeiro líder poderia suportar tamanha pressão. E a água se esgotou. Todos foram até Moises reclamar por ela.

Inimaginável o rumor daquela turba, naquele momento.

Como sempre, Moisés foi a Deus, confiante no seu auxílio e Deus não se furtou em ajudá-lo. "Pegue seu cajado, toque naquela pedra e ela verterá a água que o povo reclama". Ninguém dormiu naquela noite quando a notícia de que a pedra verteria água; na manhã seguinte, acabou sendo conhecida de todos.

Milhares se reuniram diante da pedra e Moisés nela tocou com seu cajado. Nada, absolutamente nada. O povo inteiro murmurou. E os da oposição, favoráveis à permanência do povo hebreu no Egito, então exultaram. Preocupado, Moisés bateu na pedra, pela segunda vez, com certa força. Nada. O povo, agora decepcionado e alterado, se manifestou ruidosamente. Com certeza, apupado. Moisés, então irado, agrediu a rocha raivosamente com seu cajado e a água, naquele momento, verteu.

Deus então disse a Moisés: "Por que você maltratou minha água? Não é ela uma criação divina sem a qual a vida não floresce? Por isso, merece respeito. Como castigo, você não entrará na Terra Prometida".

E assim se cumpriu a vontade de Deus.

Economia

O Brasil dos brasileiros

Antonio Florido

Cadeira 42

Em artigo já publicado sob o título "O Brasil dos brasileiros", abordamos o assunto PIB, por se tratar de um assunto de suma importância para o Brasil.

No Grupo Escolar, aprendemos que o PIB (Produto Interno Bruto) é a soma de todos os bens e serviços produzidos no País e serve para aferir a evolução econômica. Sabemos que ele está diretamente ligado ao desenvolvimento do País; quanto maior, maior será o desenvolvimento.

O Brasil constitui-se o maior parque industrial sul-americano. Nele estão instaladas mais de 68% das indústrias. Esse colossal complexo industrial, proporciona um dos maiores PIB do mundo e, sem dúvida, o maior da América do Sul. Onde está esse PIB?

Considerando que o PIB é a alavanca do desenvolvimento e do progresso de uma nação, o Brasil deveria ser um dos países mais desenvolvidos!

Por que esse desenvolvimento não acontece? Por que, o Brasil sendo um dos mais ricos, continua subdesenvolvido e terceiro mundo? Por que em torno de 80% do PIB produzido no Brasil, vai para o exterior em forma de remessa de lucros?

Vejam alguns dos descalabros causados por estas transações: Os 20% restantes do PIB não são suficientes para movimentar a máquina administrativa, então o Governo, para completar as despesas, lança mão de impostos. Cria novos ou aumenta a alíquota daqueles que já existem.



Os países que fazem parte do G8 (grupo dos 8 países considerados de primeiro mundo), para impedir estes descalabros, usam uma taxa sobre a remessa dos lucros das multinacionais que operam em seus territórios.

O Brasil é um dos poucos países que não possui esta taxa.

Vejam um fato interessante acontecido entre o Japão e os Estados Unidos sobre remessa de lucros

No início da década de 90, o governo japonês instalou nos Estados Unidos duas montadoras, a Honda e a Toyota. Na época, a taxa sobre remessa de lucros que os Estados Unidos aplicavam girava em torno de 25%.

O governo japonês adotou a seguinte política: ao invés de remeter para o Japão o lucro auferido pelas suas montadoras e deixar 25% para o governo norte-americano, ele investia todo o lucro em tecnologia e expansão. Resultado: em menos de oito anos o maior império automobilístico do mundo, constituído pela FORD,

CHEVROLET e CRYSLER estava quebrado, só não foi à falência graças à intervenção do governo.

Por que isto aconteceu? Em parte, porque os automóveis fabricados pela Honda e pela Toyota tornaram-se os carros mais vendidos nos Estados Unidos.

Vejamos o sistema operacional de uma multinacional.

Por questões ética e jurídica, usaremos como modelo, um país fictício com o nome de **TYKENSTON**.

TYKENSTON possui diversas fábricas de automóveis, uma delas é a **KIVIA**.

O governo de TYKENSTON instalou no Brasil uma filial da KIVIA na condição de multinacional.

Para fabricar um automóvel, a KIVIA realiza diversas etapas, tendo por objetivo, o maior índice de lucro.

As três principais etapas são:

1. A soma da matéria prima, mão de obra e capital investido;
2. Impostos, cujos índices giram em torno de 50% da primeira etapa;
3. Estabelecer o índice de lucros.

Para exemplificar, vamos valorar as três etapas, adicionando-lhes os números:

1. Consideraremos matéria-prima + mão de obra + capital investido – R\$ 35.000,00 (trinta e cinco mil reais);
2. Impostos em torno de 50% da primeira etapa: R\$ 15.00,00 (quinze mil reais);
3. Índice de lucro projetado: 100%.

Valor unitário do automóvel da KIVIA: R\$ 100.000,00 (cem mil reais).

Considerando o valor do dólar em R\$ 5,00 (cinco reais), o lucro da KIVIA será de US\$ 20.000,00 (vinte mil dólares) por unidade.

Considerando a produção mensal da KIVIA

em 100 (cem) unidades, o seu lucro será de US\$ 2.000 000,00 (dois milhões de dólares). Este lucro a KIVIA remeterá à sua matriz em TYKENSTON.

Através dessa operação, a KIVIA transfere para o governo de TYKENSTON parte do PIB brasileiro.

Com esse “PIB extra” o governo de TYKENSTON realizará projetos de saúde, educação, rodovias, ferrovias, aeroportos, et. et., promovendo assim desenvolvimento e progresso ao País e proporcionando ao povo uma qualidade de vida superior, com padrão de primeiro mundo.

Conclusão: o PIB produzido pela KIVIA aqui no Brasil, com o qual o governo brasileiro promoveria o desenvolvimento e o progresso do País, foi transferido para o exterior.

Atualmente existem no Brasil cerca de 26 (vinte e seis) montadoras operando no sistema multinacional, isto é, fazendo remessa de lucros (PIB do Brasil) para o exterior.

Eis a resposta para a pergunta: “Onde está o nosso PIB?”

Sabe-se que esse é o “modus operandi” de todas as multinacionais instaladas no Brasil.

Hoje, a genuína indústria brasileira, com raras exceções, é constituída de micro, pequenas e médias empresas, as quais geram menos de 12% do PIB do setor industrial. Entretanto, a considerada “indústria pesada”, composta de montadoras, laboratórios farmacêuticos, um colossal complexo de fábricas, conjunto de grandes empresas, todas operando nas condições de multinacionais, geram mais de 88% de PIB do setor industrial, o qual é remetido para o exterior, em forma remessa de lucros.

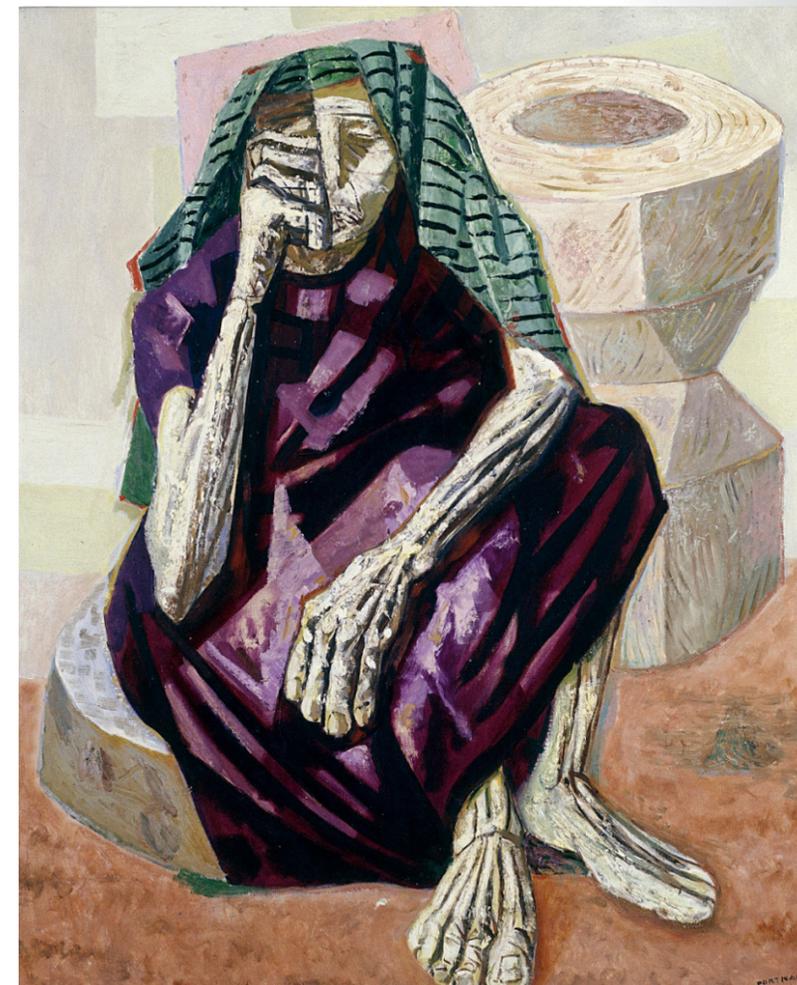
Se nosso Congresso dispensasse uma parcela de proteção ao PIB brasileiro e criasse uma taxa de 15% sobre a remessa de lucros, grande parte desse PIB, que é remetido para o exterior, seria retida e muitos problemas brasileiros seriam resolvidos.



Homenagem a Portinari e uma forma de agradecimento a seu filho, João Cândido Portinari, pela live exclusiva dedicada à Arlec, em 16/12/2020: “Portinari: intérprete de sua geração”.

Portinari: leitura de um quadro

Prof. Dr. Sérgio Vicente Motta (in memoriam)
Imortal da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura – ARLEC



Mulher do Pilão, 1945; 100x 81 cm; óleo sobre tela

“Mulher do Pilão” representa uma cena solitária, mas que pode ser inserida, no repertório do pintor, numa espécie de drama da dor, formado pela série “Retirantes” e completado por outras telas similares como “Criança Morta”.

Em termos de representação, a tela, como grande parte da estilística do autor, caminha do

figurativo, mas já não realista, para o diagramático, em que sobressaem a estilização em cortes cubistas e a esquematização em linhas simplificadas e alongadas. Ambos os procedimentos são efetuados pelas cores, que dominam os contornos, submetendo, também, os volumes aos planos.



Essa direção modernista – do figurativo realista para o estilizado; do volume para o plano – ganha mais força no tratamento das cores. Em um trajeto semelhante ao das formas das figuras, as cores dão um passo a mais em busca de soluções ou efeitos abstratos e, portanto, mais conotativos no contexto da representação. Assim como as figuras, que lembram algumas semelhanças com os referentes, as cores estilizam os veios da madeira do pilão, as dobraduras do lenço, do vestido e continuam em diluição na superfície e lateral do suporte sobre o qual a mulher está sentada. A esquematização prossegue na terra do chão, indicada nos sobretons de marrons e geometriza-se nos planos claros do fundo. Esses planos recortados em retângulos variados promovem, com os cortes cubistas das figuras (mulher e pilão), um certo jogo entre fundo e frente, assim como efeitos de volume. Ou seja, procedimentos modernos, mas gerando ainda efeitos da estética realista-figurativa, como a ilusão da terceira dimensão na relação entre figura e fundo e sugestões de volumes.

Na cena que se forma, o tema do trabalho, sugerido no título, marca-se visualmente, na relação entre as duas figuras, em que o pilão situa-se após, mas como extensão do corpo da mulher. Na composição, o corpo projeta-se para o primeiro plano, na relação figura e fundo, concentrando a força dramática da cena: verticalmente, ocupa toda a extensão, do alto ao chão; horizontalmente, o centro e grande parte das laterais, deixando aparecer, à sua esquerda, o restante do pilão. O fundo dialoga com as tonalidades dos membros descarnados e o pilão. O tom terroso do chão gera o efeito de profundidade que, juntamente com os recortes do fundo projetam a figura para o centro e frente, destacada pelas cores complementares verde e violeta da vestimenta.

Ao ocupar o centro da tela e do drama, a figura feminina mobiliza os principais recursos formais e efeitos de significação. Se o procedimento cubista destaca as figuras, ele gera uma cadeia representativa, que vai do pilão – o instrumento

do trabalho – para a figura feminina, humanizando o quadro, ao acrescentar a dor e trazendo o drama para o primeiro plano. Do pilão para a mulher ocorre uma relação metonímica, carreando os efeitos do trabalho e suas consequências, que ela os concentra como metáfora da dor.

As cores complementares destacam-na dos tons claros do fundo. O verde dobrado do lenço, em formas verticais, perpassado por linhas negras horizontais e paralelas, coroa a figura com um aspecto esfíngico, gerando um certo mistério. Esse mistério amplia-se, à medida que o gesto da mão direita esconde meia face e gera, na horizontalidade dos dedos, um ponto de tensão, que canaliza a dor para o interior, enquanto a outra metade da face expõe-se ao espectador e o encara, em enigmático desafio, por meio do tom mortuário em traços tribais e primitivos. Há aí um indício de sentido: a presença da morte na vida. A morte que se indica no plano exterior invade o plano interior. Esse processo de dar sentido aos sentimentos das figuras é uma das principais características da arte do pintor.

O vestido violeta forma um grande contraste de cor e, ao dar forma ao corpo da mulher, sintetiza movimentos e efeitos de volume, produzindo uma oposição ou uma força de tensão, cuja área, mesmo fazendo parte da pose congelada da figura, torna-se mais dinâmica em relação ao restante da tela, de coloração mais clara. A estaticidade escultórica da figura é rompida exatamente por esse jogo entre efeitos de volume e movimentos produzidos em tons mais claros dentro do campo de cor do vestido. O clareamento ou luminosidade atinge o ápice no aspecto abstrato gerado também dentro da própria cor, na representação do rosto e membros superiores e inferiores. É uma espécie de desgaste, que prossegue como um envelhecimento intensificado pela texturização e o esbranquiçado das partes expostas da figura: pés, mãos, braços e rosto. Esses efeitos das cores (desgaste, envelhecimento, texturização esbranquiçada e óssea) acentuam ainda mais

o tom mortuário e introduz, no plano da forma, a ação do tempo no espaço da pintura e, no plano do conteúdo, indícios de morte na vida da figura.

No centro do quadro, o caminho para a abstração ocorre no corpo da mulher sentada e inclinada para o primeiro plano. Nesse espectro, em efeitos de luz, o movimento irradia-se em várias direções, por meio dos tons clareados ou desgastados: vai da linha da cintura para cima, intensifica-se no centro, na parte inferior da figura sentada e desce sobre os joelhos projetados para a frente. Os joelhos amparam o braço, que funciona como uma linha diagonal cortando a tela e dirige a atenção para todo o movimento do efeito abstrato de desgaste. A linha conduz o olhar do espectador para cima, na direção do outro braço e, dele, para o rosto, em uma concentração de linhas e tensões, para depois descer até os pés que tocam o limite do primeiro plano.

Nesse movimento de linhas, destacam-se os traços alongados e escuros dos membros em oposição à cor da pele, que ajuda a esquematizar essas formas, mas ganha um valor aditivo ao empastá-las com a cor pela materialidade da tinta. O empastamento, que sugere um esfarelamento ou desgaste, é o maior passo em direção à abstração. Não é por acaso que ele é o caminho para o maior efeito dramático e poético-pictórico da tela, a ser tratado, agora, como conclusão.

Ao mesmo tempo que as cores dos membros e face atraem o olhar, dirigem os movimentos de leitura para concentrarem no rosto sofrido o ápice da dramaticidade, esse movimento todo é intensificado pela coloração esbranquiçada, calcinada e óssea, que parece arregimentar dois tempos: o histórico e o da memória. O histórico é fruto do contexto da cena, que remete à situação espoliada do trabalho doméstico e primitivo da mulher, com uma certa carga irônica do fazer (produção alimentícia) e o ser (vítima da espoliação do trabalho rudimentar e repetitivo). O tempo da memória é o que se adere a esse fio histórico-contextual e imprime os indícios da morte ime-



morial que degrada e condena a mulher ao longo desse contexto histórico. Ou seja, o jogo entre o figurativo e a abstração envolve a principal e mais profunda linha de sentido da tela. Na parte menos naturalista, a pintura, no esquematismo, texturização e galvanização da cor, carrega o seu maior ganho significativo: a memória da morte e dá-lhe, assim, uma dimensão imemorial.

A posição esfíngica completa o domínio cênico da figura feminina na composição. Alvo final do movimento de leitura indicado pelas linhas e cores, o rosto concentra a carga dramática canalizada pelos membros descarnados e esbranquiçados. Mais detalhadamente, o movimento originado nos membros, pelos alongamentos agigantados e esqueléticos, descarnadura e força dos sulcos negros, conduz o olhar e o sentido para o rosto dividido em duas partes. Uma tapada pela mão direita, cujos dedos parecem completar o movimento descrito e indicar o ponto de convergência de toda a dor indica uma interiorização do sofrimento. A outra meia face manifesta o resultado mortuário instalado como duração: o estado inerte da morte. Esse efeito é reforçado pelo aspecto e traços de uma máscara mortuária fossilizada pelo tempo.

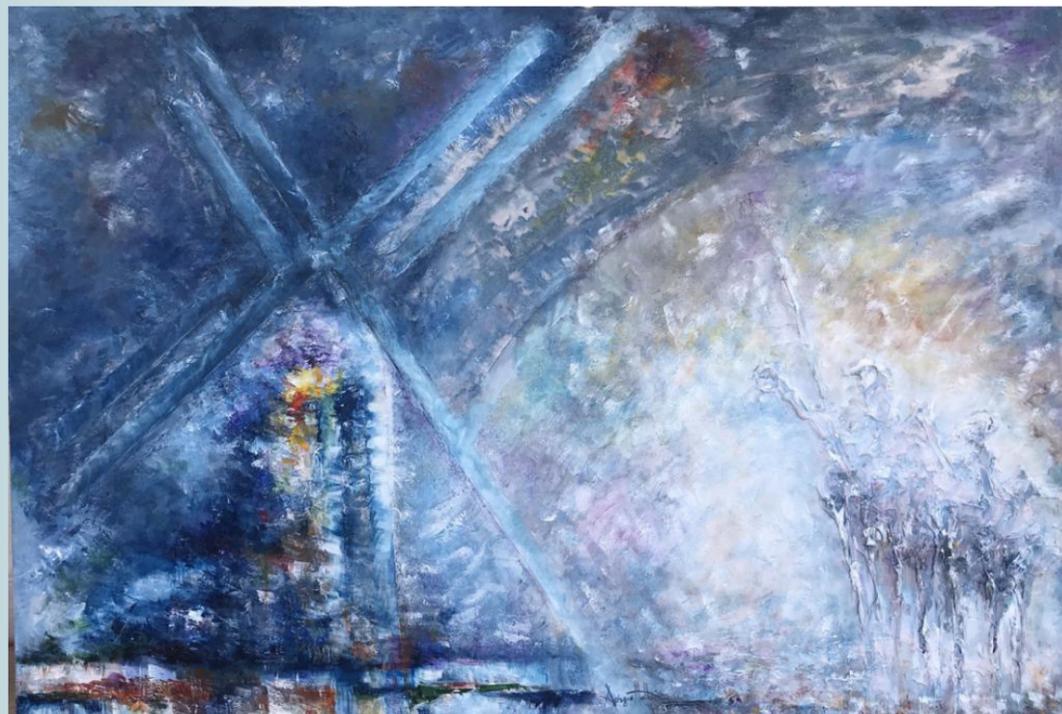
Assim, o rosto esfíngico, em traços decisivos e incisivos, horizontais e verticais, estabelecendo relações entre partes do rosto, lenço e corpo, concentra toda a força dramática da tela, conseguindo um efeito de emoção e expressão dessa emoção, mais por procedimentos de abstração que de ilusão naturalista. Nesse efeito plástico, a pintura consegue expressar os sentimentos de dor e sofrimento, não por apelo simbólico, mas por meio da exploração da materialidade e cores da tinta. Por isso, esse impulso para a abstração, na pintura de Portinari, não representa uma mera direção em busca de uma modernização em sua estética. No contexto da obra, aliado aos conjuntos de procedimentos formais, o movimento de abstração atrai e potencializa os efeitos de sentido. Forma e conteúdo caminham juntos para ampliar a esfera de significação da tela.

Homenagem

Texto escrito para a revista *JLetras* antes do falecimento do homenageado.

Dom Quixote, um cavaleiro em busca do céu

Rosalie Gallo y Sanches
Cadeira nº 29



Antes de Sérgio, nos idos anos 80, conheci uma criação literária sua, uma pulga maluca chamada **Afrodite**. À época, ela estava de passagem pela saudosa Livraria Espaço, em São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Apaixonei-me pela história e por Afrodite. E convidei as criações e o criador a irem à cidade onde eu morava e trabalhava como orientadora de leitura, distante cerca de 60 quilômetros, cujo convite para lançamento do livro que, apenas feito, foi aceito!

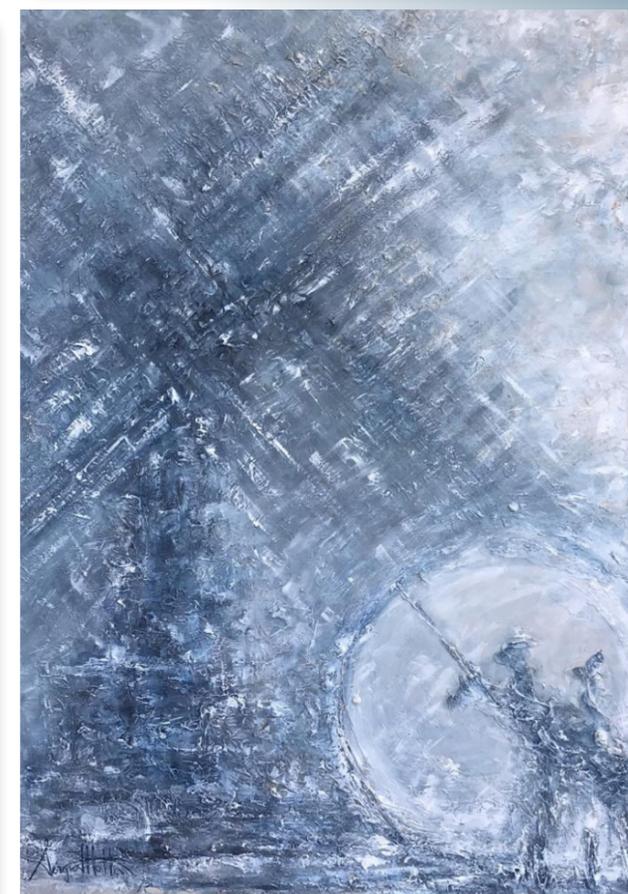
Muitos anos depois reencontrei Sérgio na Universidade em que lecionava Literatura Brasileira. Aproximamo-nos novamente e, por termos nascido em pequenas cidades vizinhas desta região, estreitamos laços.

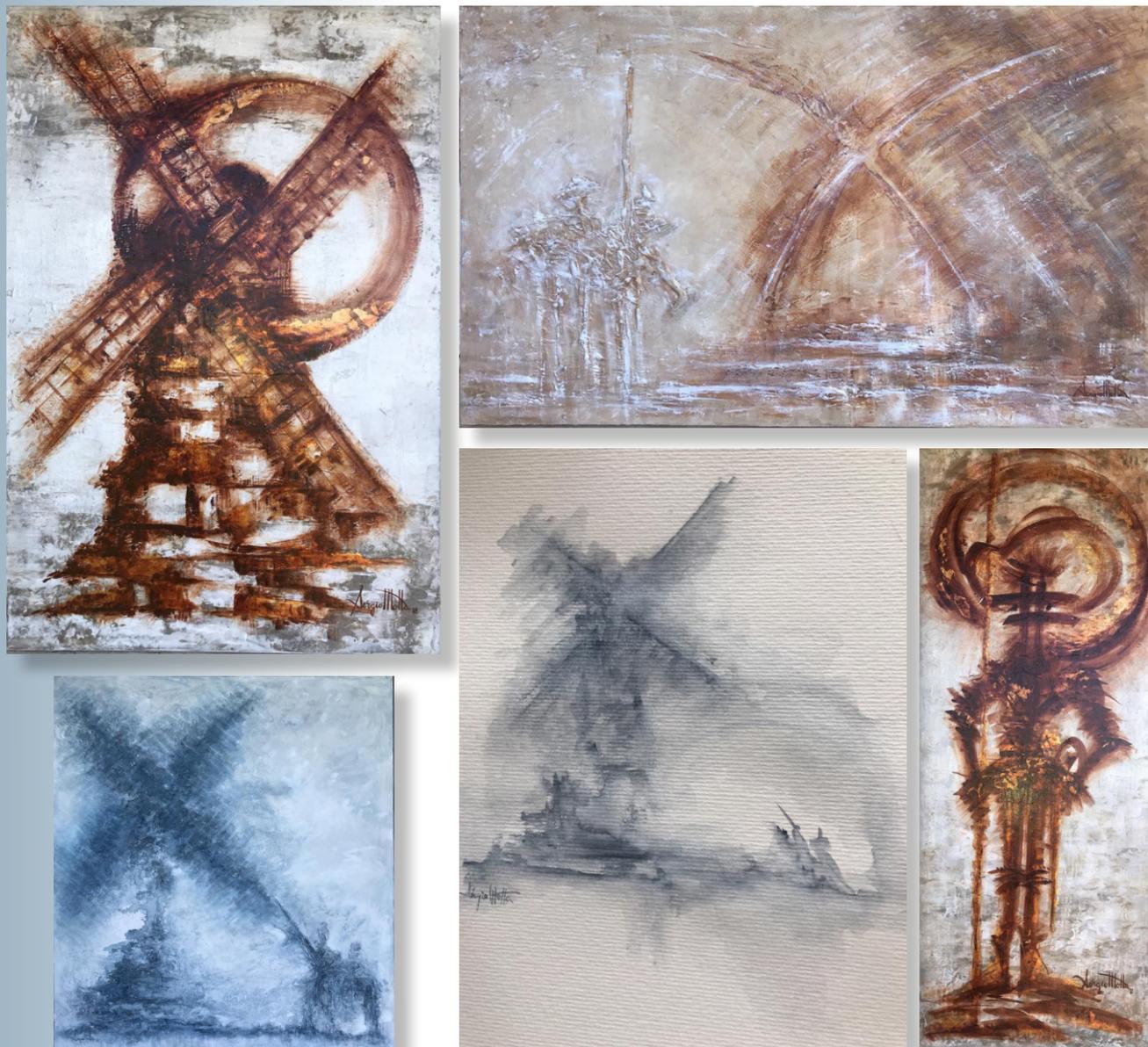
Quis a vida que eu me afastasse das pessoas por problemas de saúde em família mas, novamente anos depois, eis que reencontro o amigo artista escritor **Sérgio Vicente Motta** agora na ARLEC - Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, à qual pertencemos com alegria e honra.

Sua produção acadêmica literária estava consolidada e ele desejava retomar suas atividades na área das artes, talento que nunca o abandonara. Assim, acompanhei sua trajetória na ilustração, na pintura, nos desenhos, na cerâmica. Nesta estrada agora liberta das horas fixas de trabalho de ensino na Universidade - prêmio que a aposentadoria lhe conferiu com grande mérito - Sérgio também se reencontrou e fez encontrar sua arte mesclando-a

com o ofício da Literatura, não apenas brasileira ou com dados da realidade atual, como lhe sucedeu com a criação da mascote de nossa Academia, uma capivara saltada da represa da cidade às páginas da revista **Kapiiuara** e às páginas de um seu livro dedicado só a ela! Como Afrodite, Arlequina ganhou vida própria.

Nestas páginas os leitores poderão apreciar parte da obra de Sérgio, em que traz as figuras principais cantadas pelo imortal Cervantes, digno precursor do realismo fantástico, tema central desta edição. Dom Quixote, Sancho Pança, o cavalo Rocinante e o moinho-dragão aparecem cada vez mais diluídos e, em proporção inversa, cada vez mais presentes em nossa imaginação e nossa alma. Tem-se, portanto, nesta coleção, uma progressão milimétrica, calculada e inversamente proporcional de dois mundos cromáticos: um material que decresce à medida que o espiritual se intensifica.





As fases de cores e nuances predominantes são bastante evidentes: do marrom à terracota, mais próxima da terra, do chão que pisamos, Sérgio passa à fase laranja, diluindo cada vez mais as figuras e praticamente obrigando o espectador a aplicar sua atenção total nas obras. Em seguida, vem a fase cinza e cinza azulado; depois, é a vez da fase cerúlea, do azul da Prússia e por fim, a fase azul-água, esta, bastante etérea, uma quase aquarela em tela. Tudo em função do percurso da personagem principal que, diante das batalhas a serem travadas em busca da

sobrevivência, tira os pés do chão e deixa que suas fantasias o elevem às alturas celestiais. As figuras quase se desmaterializam, como o pensamento em uma oração.

Desfrutem as imagens de parte da Coleção Quixote. Descubram, apreciem **Sérgio Vicente Motta** e também suas múltiplas estradas através do fantástico e do maravilhoso pagão que o real oferece em direção ao que inspira o divino, a fim de que se escape ao surrealismo brutal que nos acomete sem piedade, sobretudo nestes tempos de pandemia.

Relação de integrantes da ARLEC (julho/2021)

Em negrito: patronos atuais. Os demais: ocupantes de cadeiras cujos patronos faleceram.

1. **Romildo Sant'Anna**
2. Patrícia Reis Buzzini (Patrono: Alfredo Leme Coelho de Carvalho)
3. **Agostinho Brandi**
4. **Araguaí Garcia**
5. **Samir Felício Bracha**
6. **Cecília Demian**
7. **Salvatore D'Onofrio**
8. **Lelé Arantes**
9. **Wilson Daher**
10. **Maria Helena Curti**
11. Elma Eneida Bassan Mendes (Patrono: Domingo Marcolino Braile)
12. **Jocelino Soares**
13. Cleber Junio Falquete (Patrono: Zêqui Elias)
14. Norma Vilar (Patrono: Antonio do Nascimento Portela)
15. Pérsio Marconi (Patrono: Edson Vicente Baffi)
16. **Luiz Dino Vizotto**
17. **Dulce Maria Pereira**
18. **vaga**
19. Loreni Fernandes Gutierrez (Patrono: Alexandre Caballero)
20. Aguinaldo Gonçalves (Patrono: Guillermo de la Cruz Coronado)
21. **vaga**
22. **Waldner Lui**
23. **Ângelo Soares** (Patrono: Jayme Signorini)
24. **vaga**
25. **vaga**
26. Eudes Quintino de Oliveira Júnior (Patrono: Adib Abdo Muanis)
27. **Antonio Manoel Santos Silva**
28. **José Luiz Balthazar Jacob**
29. **Rosalie Gallo y Sanches**
30. **Humberto Sinibaldi Netto**
31. **Hygia Therezinha Calmon Ferreira**
32. **Lézio Júnior**
33. **Paulo César Naoum**
34. **Vera Márcia Paráboli Milanese**
35. **vaga**
36. Nídia Puig Vacare Tezine (Patrono: Nivaldo Paschoal Carrazone)
37. **vaga**
38. **Paulo de Tarso**
39. **Araceli Chacon Sobrinha**
40. **Sônia Oliani**
41. Toufic Anbar Neto (Patrono: Antonio Carlos Del Nero)
42. **Antonio Florido**
43. **Paulo Coelho Saraiva**
44. **Alberto Gabriel Bianchi**
45. **João Roberto Saes**



Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

